

MELHOR ENSINO, MAIS UNIVERSIDADE



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

RELATÓRIO FINAL

Comissão de Ensino, Investigação
e Desenvolvimento do Conselho
Geral da Universidade de Coimbra

Março de 2025

Índice

1. Introdução	3
2. Escolha da designação	
“Ensino, Investigação e Desenvolvimento”	3
3. Composição da CEID ao longo do Mandato	3
4. Propostas e recomendações no âmbito do Conselho Geral.....	4
4.1 Proposta de modelo para apresentação de valores de propinas ao Conselho Geral do Universidade de Coimbra	4
4.2 Estatuto da Lusofonia	4
4.3. Avaliação do período experimental e a nomeação definitiva	5
4.4 Proposta para o documento sobre a competitividade	5
4.5 Visita ao Jardim Botânico e ao Museu da Ciência.....	7
5. Eventos realizados.....	7
6. Recomendações finais	8
Preâmbulo.....	8
Ensino como pilar fundamental da Universidade	9
Alunos: acolhimento, integração e bem-estar	10
Investigação interdisciplinar e transferência de conhecimento	10
Digitalização inteligente	11
Anexos	13
Anexo I	14
Anexo 2	20
Anexo 3	25
Anexo 4	89

1. Introdução

De acordo com o Regimento do Conselho Geral da Universidade de Coimbra, compete ao Conselho a criação de comissões permanentes e *ad hoc*, a definição do respetivo mandato, bem como a designação dos membros que as compõem. A constituição e duração de cada comissão são deliberadas pelo Conselho e cada comissão elege, de entre os seus membros, um coordenador e, se tal for conveniente, um cocoordenador.

No início do mandato deste Conselho Geral, foram constituídas cinco comissões permanentes, a saber: a Comissão de Gestão e Governação (CGG); a Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento (CEID); a Comissão de Inovação, Serviço e Relação com a Comunidade (CISRC); a Comissão de Cultura, Património, Cidadania e Desporto (CCPCD); a Comissão de Estratégia e Internacionalização (CEI). Durante o mandato foram, ainda, constituídas duas comissões *ad hoc*: a Comissão para a Revisão dos Estatutos da Universidade de Coimbra e a Comissão para o Acompanhamento do Plano Estratégico e de Ação da Universidade de Coimbra 2023-27.

2. Escolha da designação “Ensino, Investigação e Desenvolvimento”

O nome da Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento, criada em 2021, foi matéria de alguma discussão no plenário do CG. A questão era a seguinte: deve haver uma comissão para o ensino e investigação, ou será preferível optar pela criação de uma comissão diferenciada para tutelar cada uma das matérias? Quem defendia a última hipótese alegava duas razões principais: i) que o ensino acabava sempre por passar para segundo plano perante as questões suscitadas pela investigação; ii) que cada um dos temas tinha a sua especificidade e que, como tal, deviam ser tratados em comissões específicas. Mas a ideia de que os dois temas são indissociáveis, de que existe uma relação intrínseca entre ensino e investigação, saiu vencedora, se bem que com uma margem muito curta. Facto que foi determinante na forma como os trabalhos foram delineados e têm vindo a ser concretizados e que pesou no compromisso da comissão em valorizar igualmente as duas vertentes envolvidas na designação, ao mesmo tempo que procurou desenvolver e tornar visível as relações entre as duas.

3. Composição da CEID ao longo do Mandato

A primeira reunião da Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento (CEID) deste mandato 2021-2024 decorreu em abril de 2021, por convocatória da Prof. Teresa Pedroso Lima. Nesta primeira reunião elegeram-se o coordenador, o modelo de coordenação e funcionamento da CEID e o plano de trabalhos da comissão.

Coordenação: Foi eleito coordenador da CEID o Prof. João Ramalho onde se manteve até janeiro de 2023, altura em que por decisão pessoal sai do Conselho Geral e, como tal, também da CEID. A eleição do novo coordenador da comissão, Prof. Adérito Araújo, foi por unanimidade dos presentes a 18 de janeiro de 2023.

Plano de Trabalhos: O plano de trabalhos ao longo deste mandato, decorreu com um foco muito particular nas ligações e especificidades entre o ensino e a investigação; Ensino presencial, remoto e híbrido; vantagens e desvantagens discussão do projeto Escolas Doutorais; Discussão da avaliação do período experimental; Posição sobre a decisão de conferir a possibilidade aos Institutos Politécnicos de conferirem o grau de doutor.

A CEID teve as seguintes composições ao longo dos anos:

Composição março 2021: Adérito Luís Martins Araújo; Alexandrina Maria Ferreira Santos Pinto Mendes; Ana Madalena Vicente Morais Tracana Santos; Anabela Mota Pinto; André Gonçalo Dias Pereira; Cesário Ribeiro da Fonseca Andrade Silva; Duarte Nuno Pessoa Vieira; Irene Maria Quintanilha Coelho da Fonseca; João Ramalho de Sousa Santos (coordenador); José Alberto Órfão de Matos Correia e Vale; Luís Miguel Coimbra Simões; Maria da Conceição Marques Fernandes Fonseca; Maria Constança Mendes Pinheiro da Providência Santarém e Costa; Maria Isabel Ferraz Festas; Maria Teresa dos Reis Pedroso de Lima Oliveira; Renato Daniel Dias Simões; Ricardo Augusto Vieira Ferreira.

Composição outubro 2021: Adérito Luís Martins Araújo; Alexandrina Maria Ferreira Santos Pinto Mendes; Anabela Mota Pinto; André Gonçalo Dias Pereira; Armando Manuel Machado Remondes; Carlos Manuel Magalhães; Duarte Nuno Pessoa Vieira; Irene Maria Quintanilha Coelho da Fonseca; João Ramalho de Sousa Santos (coordenador); José Alberto Órfão de Matos Correia e Vale; José Eduardo Cipriano Pereira da Gama; Luís Carlos Saraiva da Silva; Maria Isabel Ferraz Festas; Maria Teresa dos Reis Pedroso de Lima Oliveira.

Composição janeiro 2023: Adérito Luís Martins Araújo (coordenador); Alexandrina Maria Ferreira Santos Pinto Mendes; Anabela Mota Pinto; André Gonçalo Dias Pereira; Armando Manuel Machado Remondes; Carlos Manuel Magalhães; Duarte Nuno Pessoa Vieira; Irene Maria Quintanilha Coelho da Fonseca; Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira; José Alberto Órfão de Matos Correia e Vale; José Eduardo Cipriano Pereira da Gama; Luís Carlos Saraiva da Silva; Maria Isabel Ferraz Festas; Maria Teresa dos Reis Pedroso de Lima Oliveira.

Composição fevereiro 2024: Adérito Luís Martins Araújo (coordenador); Alexandrina Maria Ferreira Santos Pinto Mendes; Anabela Mota Pinto; André Gonçalo Dias Pereira; Armando Manuel Machado Remondes; Carlos Manuel Magalhães; Carmen Isabel Leal Soares, Duarte Nuno Pessoa Vieira; Irene Maria Quintanilha Coelho da Fonseca; Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira; José Alberto Órfão de Matos Correia e Vale; José Eduardo Cipriano Pereira da Gama; Luís Carlos Saraiva da Silva; Maria Isabel Ferraz Festas.

4. Propostas e recomendações no âmbito do Conselho Geral

A CEID, ao longo do seu mandato, fez as seguintes propostas e recomendações:

4.1 Proposta de modelo para apresentação de valores de propinas ao Conselho Geral do Universidade de Coimbra

A comissão elaborou um documento com vista a uniformizar o modo como as propostas de propinas chegam ao Conselho, de modo a limitar, o mais possível, as interrogações (muito naturais), sobretudo de membros externos. Como metodologia, a proposta previa que o plenário retificasse o que as duas Comissões mais relevantes (CEID E Comissão de Gestão e Governação) tenham decidido (em ligação prévia com a Reitoria), poupando algum tempo, quer dos Conselheiros, quer de membros da Equipa Reitoral durante plenários. A proposta foi aprovada em fevereiro de 2022 e encontra-se em anexo.

4.2 Estatuto da Lusofonia

Segundo os Estatutos da Universidade de Coimbra, faz parte da sua matriz identitária “ser depositária de um legado histórico multissecular e matriz cultural do espaço da lusofonia”. Por outro lado, é missão da UC “a

promoção da mobilidade efetiva de docentes e investigadores, estudantes e diplomados, tanto a nível nacional como internacional, designadamente no espaço europeu de ensino superior e no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.” Considerando ainda que a Constituição da República Portuguesa prevê que “Portugal mantém laços privilegiados de amizade e cooperação com os países de língua portuguesa.” (Artigo 7.º, n.º 4), e que compete não apenas ao Estado central, mas a todo o setor público e à sociedade civil a concretização de políticas que promovam este comando constitucional, entendeu a CEID que o Conselho Geral deveria adotar o Estatuto da Lusofonia.

O Estatuto da Lusofonia visa promover a presença de Estudantes lusófonos na UC e dinamizar a comunidade de Ensino e Investigação Universitária na Lusofonia, e incentivando e apoiando a investigação, o ensino e a mobilidade de docentes, investigadores e trabalhadores não docentes. A proposta apresentada pela CEID em janeiro de 2022 foi analisada pelo plenário, tendo obtido uma apreciação globalmente positiva, mas não foi votada, em razão de algumas dúvidas de redação e de conteúdo, bem como por haver algumas dúvidas quanto à oportunidade e utilidade da sua aprovação.

4.3. Avaliação do período experimental e a nomeação definitiva

Findos esses cinco anos, a manutenção do contrato por tempo indeterminado fica sujeita ao patamar estabelecido no art. 41º, 1 e 2, do Regulamento de Recrutamento e Contratação de Pessoal Docente da Universidade de Coimbra (Regulamento n.º 330/2016). A CEID fez aprovar uma nova redação do nº 2 do artigo 41º, passando a ser a seguinte: “2. Considera-se que o professor tem uma atividade de nível global quando tenha produzido e publicado resultados que configurem um importante avanço do conhecimento a nível internacional e nacional e indiciem robustamente que se manterá a esse nível, ou evidencie um muito sólido potencial para desempenho a esse nível. Adicionalmente, sugeriu e fez aprovar que o art. 41º, 3, do Regulamento) passasse a ter a seguinte redação: “1. Ter desenvolvido atividade pedagógica de qualidade, lecionando com dedicação e empenho disciplinas com conteúdos atualizados, de forma motivadora para os alunos e com uma avaliação eficaz do desempenho desses alunos, e demonstrado potencial para manter um elevado nível de intervenção pedagógica; 2. Ter dado contribuições muito importantes em outras atividades relevantes para a missão da UC, designadamente pela participação em projetos científicos de nível mundial e pela captação de financiamentos para a UC, ou pelo desempenho de funções particularmente relevantes a nível nacional e internacional, e demonstrado potencial para continuar a contribuir a esse nível”.

Do mesmo modo, a CEID considera que não basta retirar esta menção aos 5% de topo mundial, mas estabelecer de forma proativa critérios práticos claros que permitam uma avaliação exigente do Período Experimental, bem como estratégias de acompanhamento de recém-contratados/as de modo a garantir que terão todas as condições para terem sucesso. Tais procedimentos teriam naturalmente de ser adaptados às diferentes áreas e realidades da Universidade de Coimbra. Anexamos a este respeito um outro documento com algumas sugestões deixadas à consideração dos Conselhos Científicos das diferentes Faculdades/Unidades Orgânicas.

4.4 Proposta para o documento sobre a competitividade

A Senhora Presidente do Conselho Geral desafiou as Comissões a refletirem sobre o tema estratégico “Competitividade e crescimento sustentável da Universidade de Coimbra (UC)”. Em particular, sugeriu essa reflexão tivesse por base as seguintes questões:

Como veem e perspetivam a evolução da competitividade na UC nos próximos 10 anos?

Quais as dimensões críticas em que a UC deve focar-se no sentido de incrementar a competitividade e reputação da UC?

Em que medida o crescimento da competitividade da UC está incorporado no mandato de cada uma das Comissões? Concretamente, o que pode ser feito/que medidas ou ações podem ser adotadas para a promoção sustentável da UC?

Apesar do Conselho Geral não ter chegado a um consenso sobre o documento final a aprovar, a CEID apresentou um conjunto de propostas.

Como veem e perspetivam a evolução e competitividade da UC nos próximos anos?

Na leitura da Comissão, a pergunta implica uma análise do tipo SWOT, que está feita internamente, e disponível no Plano Estratégico da Universidade. A competitividade da UC é uma questão potencialmente dramática, já discutida longamente. Embora estes aspetos sejam desenvolvimentos nas restantes questões, aumentar a competitividade terá de passar por: (i) Uma maior ligação ao Território (Cidade e Região), e uma maior Internacionalização. (ii) Procurar aumentar a atratividade: aprofundar estratégias de captação dos melhores alunos nacionais para os vários ciclos de ensino, sobretudo 1o e 2o ciclo; Maior captação de estrangeiros em geral e de lusófonos em particular: Ensino de adultos; Potenciar estratégias que promovam o sucesso, o sentido de escola e diminuição do abandono escolar. (iii) Igualmente importante para a atratividade é o recrutar os melhores Docentes, Investigadores e Funcionários, concedendo a todos condições adequadas para desenvolverem o seu trabalho.

Quais as dimensões críticas em que a UC deve focar-se no sentido de incrementar a competitividade?

A CEID entente esta questão como implicando a listagem de Prioridades/Objetivos.

- Desde logo: captar mais e melhores alunos, docentes e funcionários.
- Aposta decisiva na abertura de concursos, permitindo a renovação um corpo docente que se apresenta cada vez mais envelhecido, com todas as consequências daí decorrentes. Desburocratização das funções dos/as docentes, concedendo-lhes tempo para a investigação e para a preparação da atividade letiva e não letiva.
- Forte ligação à cidade e à região (nomeadamente aos municípios que constituem a CIM-Coimbra). Aprofundar a estratégia relativa à sua condição de Património Mundial da UNESCO. Implementar a iniciativa Coimbra Cidade da Saúde.
- Reforçar áreas emergentes como as Artes (fundamental para a competitividade da economia e dinamismo cultural da sociedade), e outras associadas a grandes projetos Nacionais e Europeus.
- Tornar o IIIUC um centro estratégico da UC com capacidade para: competir por grandes projetos à escala universitária ou mesmo entre consórcios de universidades;
- Aproveitar o momento atual para debater, sem tabus, os modelos tradicionais de investigação e ensino.

Em que medida o crescimento e competitividade da UC está incorporado no mandato de cada uma das Comissões? Concretamente o que pode ser feito/que medidas ou ações podem ser adotadas para a promoção sustentável da UC?

Entendemos esta questão como implicando a proposta de medidas concretas. Os eventos que a Comissão promoveu incorporam a reflexão sobre o crescimento e competitividade na UC e as suas conclusões apontam para medidas concretas que poderiam ser consideradas. Os relatórios dos eventos encontram-se em anexo.

4.5 Visita ao Jardim Botânico e ao Museu da Ciência

Durante este mandato, a CEID visitou duas Unidades de Extensão Cultural e de Apoio à Formação (UECAFs) - o Jardim Botânico e Museu da Ciência -, com vista a obter esclarecimentos sobre a sua missão e a avaliar o potencial interesse em poderem vir ser Unidades Orgânicas da UC. Apesar da Comissão considerar que a solução encontrada pelo Conselho Geral, ao classificar como Museus as duas UECAFs referidas, é, nesta altura, a mais adequada, pode fazer sentido discutir a pertinência de passar a Unidade Orgânica algumas das atuais UECAFs. Essa discussão não foi efetuada durante o mandato da Comissão.

5. Eventos realizados

Durante o mandato da CEID, programaram-se três eventos. O primeiro, mais centrado nas questões da Investigação – **Investigação no Ensino Superior: Como e Para quê?** –, realizou-se *online* no dia 11 de março de 2022. Assim o ditaram as circunstâncias daquele tempo. Tendo como preocupação principal debater a investigação científica no ensino superior e na UC, com este evento, o Conselho Geral e a CEID, em particular, procuraram envolver a comunidade académica nesse debate, chamando a atenção para algumas questões que se colocam e que necessitam de uma profunda reflexão. Entre essas questões destacaram-se o modo como pode a investigação ser um motor de desenvolvimento da Universidade, ligando-se às empresas e à sociedade em geral e os problemas ligados às carreiras de Investigador (que faz investigação a tempo inteiro e pode, ou não, ter alguma atividade letiva) e de Docente (que faz, ou pode fazer, investigação a tempo parcial). Estes temas foram objeto de análise e discussão através de intervenções como a de Alberto Órfão, Professor Catedrático da Universidade de Salamanca e membro do Conselho Geral e da CEID da UC, e da participação e testemunhos, em Mesas/Debates, de um grupo alargado de docentes e de investigadores. O evento contou, ainda, com as presenças e intervenções da Sra. Presidente do Conselho Geral, Dra. Gabriela Figueiredo Dias, do Magnífico Reitor, Professor Amílcar Falcão e da Senhora Vice-Reitora para a Investigação, Professora Cláudia Cavadas.

Deste evento resultou um artigo publicado, a 11 de março de 2022, no jornal Público, de autoria do então Coordenador da CEID, Professor João Ramalho Santos e do membro da CEID, Professora Alexandrina Mendes. Neste artigo, incluído em anexo, podem ler-se as principais conclusões do evento.

O segundo evento, com a colaboração da Provedoria do Estudante, já presencial e realizado no dia 8 de fevereiro de 2023, no Auditório da Universidade de Coimbra, teve como mote **Mais Ensino, Melhor Universidade**. No rescaldo da pandemia, num momento em que a Universidade enfrentava (tal como enfrenta) grandes mudanças e desafios, quisemos dinamizar uma análise aprofundada sobre aquela que é, e deve continuar a ser, uma das suas missões essenciais: desenvolver um ensino superior de qualidade. Para alcançar este objetivo, foram convidados especialistas em várias vertentes do ensino universitário que participaram na primeira parte do evento que ocorreu durante a manhã e que incluiu uma Conferência Plenária proferida por Marcelo Parreira do Amaral, Professor da Universidade de Munster (Alemanha), sobre a Missão da Universidade, e um Debate sobre a Pedagogia no Ensino Superior, a partir das apresentações de Guilhermina Miranda, Professora do Instituto de

Educação da Universidade de Lisboa, de Cristina Albuquerque, Vice-Reitora da Universidade de Coimbra para os Assuntos Académicos e Atratividade de Estudantes Pré-Graduados, e de José Fernando Oliveira, Professor da Faculdade de Engenharia, da Universidade do Porto. Tendo presente a finalidade do evento, na parte da tarde, apresentou-se um estudo realizado pela Provedoria do Estudante que incidiu nas perceções dos estudantes sobre aquilo que consideram ser as principais dificuldades e desafios da sua vivência na UC.

O evento contou, ainda, com as presenças e intervenções da Sra. Presidente do Conselho Geral, Dra. Gabriela Figueiredo Dias, do Magnífico Reitor, Professor Amílcar Falcão.

A necessidade de manter a discussão, através da realização de novos encontros, focados em temas tão decisivos como é o do Ensino foi amplamente manifestada. Nesta ocasião também divulgámos algumas recomendações à academia, no seguimento da apresentação do estudo elaborado pela Provedoria do Estudante (cf. Relatório em anexo)

Finalmente, nos dias 5 e 6 de fevereiro de 2024, realizou-se um terceiro encontro, também presencial, a que chamámos **Mais conhecimento. Melhor Universidade**, com o propósito de nos debruçarmos sobre os três eixos da nossa comissão, o ensino, a investigação e o desenvolvimento e no qual quisemos refletir sobre a missão da Universidade perante alguns dos desafios que atualmente enfrenta. Em simultâneo, esta iniciativa procurou associar-se à comemoração dos 75 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Foi neste sentido que se concebeu um Programa que incluiu três grandes sessões: a primeira dedicada à Missão da Universidade, em que participaram Irene Fonseca, membro do Conselho Geral da UC e da CEID e Professora da Carnegie Mellon University, e António Magalhães, Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; a segunda sessão, com moderação do Professor e membro do Conselho Geral, Alberto Órfão, centrada nas finalidades da Universidade, contou com a presença dos antigos estudantes Maria Isolina Mesquita, Vice-Presidente da Bluepharma, Nuno Camarneiro, escritor, e Pedro João Afonso, a trabalhar na indústria farmacêutica. A Provedora do Estudante juntou-se a esta sessão; por último, a terceira sessão, moderada pelo Professor João Queiró, membro do Conselho Geral, foi dedicada aos docentes, com intervenções de Paulo Peixoto (FEUC), Susana Aires Sousa (FDUC) e Ana Maria Seixas (FPCEUC).

O evento contou, ainda, com a presença da Professora Teresa Pedroso de Lima, em representação da Senhora Presidente do Conselho Geral, Dra. Gabriela Figueiredo Dias, do Senhor Diretor da Faculdade de Direito, Professor Jónatas Machado, da Senhora Vice-Reitora para o Ensino e Atratividade, Professora Cristina Albuquerque, do Sr. Vice-Reitor para a Investigação, Professor João Ramalho Santos, e do Magnífico Reitor, Professor Amílcar Falcão. (cf. Relatório em anexo)

6. Recomendações finais

Apresentamos, de seguida, um conjunto de recomendações que a Comissão fez chegar à Comissão *Ad-hoc* para a Elaboração do Novo Plano Estratégico para a Universidade de Coimbra. Essas recomendações têm como referência o trabalho desenvolvido pela comissão, bem como as conclusões dos três eventos levados a cabo durante o mandato.

Preâmbulo

Nos dias 8, 9 e 10 de maio de 2023, teve lugar na cidade de Valencia, Espanha, o V Encontro de Reitores, um evento organizado pelo Universia com o apoio do Banco Santander, que reuniu 700 reitores e permitiu

avaliar o papel da universidade na promoção de um desenvolvimento social e económico mais sustentável. Sob o tema «Universidade e Sociedade» o evento incluiu a subscrição da Declaração de Valencia que prevê sete compromissos que a CEID considera deverem ser tidos em conta no novo plano estratégico da Universidade de Coimbra (UC). Nomeadamente:

- Fortalecer a missão da universidade para que a docência, a investigação e a transferência de conhecimento integrem os desafios sociais, ambientais e económicos, promovendo o progresso da sociedade;
- Estender as formações para as diferentes etapas da vida adulta, ampliando e flexibilizando os formatos educacionais das universidades tendo em conta as várias necessidades formativas;
- Promover conhecimentos multidisciplinares, competências transversais e valores que preparem os estudantes para o mercado de trabalho;
- Estimular, junto desses alunos, competências inovadoras que aumentem a empregabilidade e os capacitem a conceber e a desenvolver iniciativas empreendedoras sustentáveis;
- Integrar desafios globais e locais nas agendas de investigação das universidades, aumentando a interdisciplinaridade na investigação e promovendo a transferência e a divulgação dos resultados para o benefício da sociedade;
- Facilitar formas diferentes de mobilidade para estudantes e académicos permitindo o intercâmbio e o enriquecimento cultural, bem como a educação aberta e inclusiva;
- Aumentar a colaboração com outros agentes económicos e sociais em docência, investigação e transferência, criando-se maior valor para a sociedade.

Salientamos, em particular, quatro eixos fundamentais. Ensino como pilar fundamental da Universidade; Alunos: acolhimento, integração e bem-estar; Investigação interdisciplinar e transferência de conhecimento; Digitalização inteligente.

Ensino como pilar fundamental da Universidade

O objetivo 4 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, pela primeira vez, inclui as universidades como espaços que devem garantir uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da

vida para todos. Numa Universidade que se assume como lugar de transformação pessoal, científica, social e cultural, o Ensino terá que ser o seu pilar fundamental.

Ambicionando que a UC esteja cada vez mais centrada no estudo e não no resultado e que, nesta perspectiva, docentes e discentes estejam unidos na busca de conhecimentos (imparciais), tornando a obtenção de uma aprendizagem mensurável secundária perante a liberdade de ensinar e de investigar, propomos a criação de um Fórum Permanente para as questões pedagógicas (associado/integrado ou não no Observatório das Atividades Pedagógicas) com os seguintes objetivos:

a) Promover/criar fóruns de discussão permanente (realizados periodicamente) e/ou workshops sobre temas de índole pedagógica específicos, mas também sobre temas mais abrangentes que enquadram e determinam o que é o ensino;

b) Criar uma cultura académica que valorize o trabalho docente e promova a liberdade de ensinar e investigar. Reforçar a importância da criação de mecanismos de recompensa que distingam a dimensão do ensino na carreira.

Neste contexto sublinhamos a importância da criação do Provedor do Docente e do Investigador.

Alunos: acolhimento, integração e bem-estar

Consideramos estratégico para a UC promover uma cultura da adesão, do acolhimento e do bem-estar, entendendo a Universidade como espaço de vida e de estímulo à criatividade. Nesse sentido, propomos:

a) Prestar especial atenção ao acolhimento dos novos estudantes, docentes e pessoal técnico, através de estruturas de apoio especialmente vocacionadas para esse efeito, e sempre que adequado, com o envolvimento de pares nas sessões de receção e de integração.

b) Dispensar melhor apoio aos estudantes internacionais (EI), promovendo maior articulação entre a Divisão de Relações Internacionais e a Associação Académica de Coimbra para cruzar informação e favorecer contacto mais sistemático e de proximidade com os EI, nomeadamente com a atribuição de tutores e da divulgação de apoios;

c) Dar atenção e apoio contínuo aos estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE). É necessário estabelecer uma maior articulação entre as Unidades Orgânicas, os coordenadores de curso e o gabinete de apoio a estudantes com NEE, de forma a identificar as necessidades dos alunos e definir, atempadamente, as medidas de apoio a implementar. Isso inclui a designação de tutores para orientar os estudantes com NEE e a personalização das medidas de apoio de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Além disso, é importante que as medidas de apoio se concentrem na melhoria contínua da aprendizagem ao longo de cada semestre, em vez de se limitarem aos momentos de avaliação. Também é fundamental proporcionar formação especializada aos docentes interessados em aprofundar os seus conhecimentos sobre a educação de alunos com NEE. Além disso, é imprescindível estabelecer responsabilidades claras tanto para os serviços centrais quanto para as unidades orgânicas, bem como procedimentos que assegurem uma atuação consistente desde a identificação até o apoio prestado aos alunos com NEE.

Investigação interdisciplinar e transferência de conhecimento

Um dos sete compromissos assumidos na Declaração de Valência passa, precisamente, por “integrar desafios globais e locais nas agendas de investigação das universidades, aumentando a interdisciplinaridade na investigação e promovendo a transferência e a divulgação dos resultados para o benefício da sociedade”.

a) Investigação interdisciplinar

Consideramos ser estratégico reforçar a investigação interdisciplinar, conferindo centralidade ao Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra (IIIUC) na UC. É necessário reavaliar o papel do IIIUC, sua missão, propósitos e metas, visando promover a investigação interdisciplinar na UC e contribuir para o reforço do reconhecimento internacional da instituição. Consideramos também importante aprofundar o projeto de Escolas Doutorais e 3o ciclo, reforçando a vocação internacional da UC e privilegiando as mais exigentes parcerias.

b) Transferência de conhecimento

Reconhecendo o papel fundamental da transferência de conhecimento, esta não pode ser encarada numa visão puramente empresarial, que privilegia a faceta da UC como prestadora de serviços. Há que ter com as empresas uma relação saudável, que não tenha como único fim o financiamento. A captação financeira não pode ser um fim em si e a agenda da UC não pode estar condicionada à dos interesses empresariais. Os benefícios para a UC resultantes da transferência de conhecimento para a indústria não são - e não deveriam ser - principalmente financeiros, embora quaisquer receitas resultantes da transferência de conhecimento possam ajudar

a financiar atividades adicionais de I&D. Os principais benefícios são indiretos e devem ser considerados a longo prazo. Eles incluem, por exemplo: o desenvolvimento da confiança mútua entre a instituição de investigação e a indústria, benéfica para o estabelecimento de parcerias estratégicas de longo prazo; o aumento de prestígio resultante de colaborações de sucesso.

Como foi referido no programa de candidatura do Senhor Reitor “a UC deve focar-se nos TRL [TRL - *Technology readiness levels*] 1 e 2, desenvolver em conjunto com o Instituto Pedro Nunes (IPN) os TRL 3 e 4, e transferir para o IPN os projetos quando são atingidos TRL superiores (5 ou mais).” No entanto, mesmo para cumprir os níveis de maturidade tecnológica a que se propõe e pensar numa estratégia de transferência de conhecimento competitiva, é necessário constituir equipas especializadas capazes de identificar e gerir recursos com potencial de negócio. Quem trabalha em transferência de conhecimento deve possuir uma ampla gama de competências que não são possíveis de desenvolver, na maioria das vezes, em simultâneo com a exigências da docência e da investigação. Se queremos ser competitivos, há que contratar profissionais/investigadores dedicados e não pensar que o podemos fazer com funcionários inexperientes ou com docentes a quem essas atividades não são reconhecidas aquando das suas avaliações. Sabe-se que muito do impacto (económico ou social) da investigação é real, mas a sua contribuição é invisível. Nesse sentido é importante reforçar do papel da UC Business enquanto Gabinete Central de transferência de Tecnologia com equipas especializadas capazes de identificar e gerir recursos com potencial, apoiando-se nos Centros/Grupos de Investigação/Institutos das Faculdades ou Departamentos, podendo também ser considerada a possibilidade de criação de unidades mistas de investigação/inação.

Digitalização inteligente

Durante a segunda metade do século XX, testemunhou-se uma crescente digitalização do ambiente universitário e do seu meio envolvente. A introdução da internet, a disponibilidade de tecnologias, de plataformas e repositórios digitais centralizados, juntamente com o surgimento de dispositivos periféricos de capacidade crescente, aliados ao desenvolvimento da Internet das Coisas, contribuíram para uma maior digitalização progressiva da universidade. Inicialmente, essa transformação afetou principalmente a esfera da investigação e, gradualmente, se estendeu para o apoio aos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes, e posteriormente para os processos e documentos relacionados à gestão administrativa, um desenvolvimento ao qual a UC não ficou alheia.

Inicialmente, esta progressiva digitalização da atividade universitária traduziu-se numa racionalização dos processos, o que levou a um aumento notável da rapidez e da eficiência. Estas melhorias resultaram também numa maior utilização e expansão dos processos digitalizados, o que se traduziu num aumento exponencial do volume de conteúdos e, simultaneamente, de atividade, o que faz com que, cada vez mais frequentemente, as pessoas sintam que a digitalização está a ocupar uma parte significativa da sua atividade, levando à necessidade urgente de uma verdadeira transformação digital na Universidade de Coimbra, que resulte numa maior eficiência e benefício para as pessoas do atual modelo de digitalização.

Este novo obstáculo decorrente da implementação caótica, desorganizada ou fragmentada dos processos de digitalização em diversas áreas de atividade da Universidade só pode ser superado através da adoção de uma abordagem inteligente e inovadora para a digitalização. Isso deve ser estabelecido como um objetivo estratégico prioritário para a UC. Neste novo paradigma de digitalização inteligente, é imperativo que as tecnologias sejam realinhadas para servir as pessoas, enquanto o modelo adotado deve ser abrangente, interoperável

e aplicável em todas as áreas de atividade universitária. Somente dessa forma a UC estará preparada para enfrentar eficazmente os desafios contemporâneos em termos de ensino/aprendizagem, pesquisa, inovação e transferência de tecnologia, entre outros.

Dessa forma, qualquer iniciativa de digitalização inteligente para a UC deve transcender a simples incorporação de novas infraestruturas e atualizações tecnológicas, requerendo uma verdadeira transformação digital fundamentada em:

- a) numa visão estratégica liderada pela equipa reitoral com
- b) um alinhamento claro entre os objetivos e as metas a alcançar,
- c) capaz de mobilizar o compromisso das pessoas e de o manter ao longo do tempo,
- d) proporcionando simultaneamente um elevado nível de confiança nos processos digitais, e) dinamizando a atividade de I+D+i da própria UC nas áreas de conhecimento direta ou indiretamente envolvidas no processo de transformação digital.

Essa estratégia deve ser fundamentada em planos de investimento abrangentes, tanto em tecnologia (infraestrutura e recursos de TIC), quanto em soluções inovadoras e eficazes, como e-learning, realidade virtual e cursos online. Estas devem ser complementadas por uma gestão eficiente de processos administrativos e documentos online, além da criação e utilização de bases de dados e algoritmos de inteligência artificial, resultando em um verdadeiro campus virtual conectado, ou pelo menos conectável, com os principais parceiros da universidade. Tudo isso deve ser realizado em um ambiente de confiança, garantindo segurança e privacidade, centrado nas pessoas - professores, corpo técnico e estudantes -, capacitando-os e promovendo seu benefício como usuários ativos.

Sem querer sacralizar a digitalização do modelo educativo, não podemos negar que a globalização e a pandemia questionam diretamente os modelos tradicionais de investigação e ensino. Se quiser assegurar a sustentabilidade e reforçar a competitividade, a UC não se pode furtar a esta discussão, mantendo sempre em pano de fundo a preservação dos direitos fundamentais e a garantia de um ensino em condições de igualdade. Sublinhamos, no entanto, que consideramos crucial manter o ensino presencial como uma condição fundamental para o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem inclusivas e para evitar o agravamento das desigualdades.

Anexos

Anexo I

Propostas apresentadas, discutidas e aprovadas em plenário do CG

PROPOSTA DE MODELO PARA APRESENTAÇÃO DE VALORES DE PROPINAS AO CONSELHO GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1- Identificação do Curso

- Designação do Curso:
- Ciclo de Estudos: Licenciatura; Mestrado; Doutoramento.
- UO (s) responsável (eis) pelo curso (se for um curso em associação ou Erasmus + indicar as outras Universidades envolvidas e a qual pertence a coordenação, caso não seja alternada).
- Nº de ECTS/ duração. -Tipologia: Indicar se é um curso em associação; Erasmus +...
- Estado da acreditação/ aprovação do curso (pela A3ES ou pela EU no caso de Erasmus +):
- Potenciais considerações sobre os tipos de alunos e suas eventuais necessidades/especificidades (nacionais, estrangeiros, internacionais), caso seja considerado relevante.

2- **Sumário**, com uma justificação **sucinta** do valor proposto (limite máximo 1500 carateres, com espaços), podendo incluir, de forma resumida, os elementos considerados primordiais pelos proponentes, referidos nas secções seguintes.

3- Tabela de valores propostos

Estudantes Nacionais	Valor anual proposto	Valor anual atualmente praticado (caso se trate de uma alteração)	Eventuais diferenças/especificidades entre diferentes anos/semestres ou IES associadas (se relevante)
Estudantes Estrangeiros /Internacionais	Valor anual proposto	Valor anual atualmente praticado (caso se trate de uma alteração)	Eventuais diferenças/especificidades entre diferentes anos ou semestres do curso (se relevante)

Pode ser incluído um breve sumário justificativo incluindo aspetos que possam ser relevantes (no caso de Erasmus+ os pressupostos do projeto aprovado, nomeadamente o valor e número de bolsas previstas, entre outros aspetos, por exemplo)

4- **Memória descritiva da proposta que justifique o valor da propina incluindo quaisquer outros elementos** considerados relevantes para a tomada de decisão (limite máximo três páginas A4, espaço e meio entre linhas, tamanho de letra 12).

Esta seção deverá incluir:

-Justificação e enquadramento breves da proposta na Estratégia Institucional, incluindo o potencial de atratividade de estudantes ou, eventualmente, aspetos comparativos com outras instituições (casos os dados estejam disponíveis)

-Sustentabilidade do curso e justificação do valor da propina: custos estimados (salários utilizando a tabela em vigor, custos laboratoriais, visitas de estudo, outras despesas de monta relevantes etc.); receitas (propinas, incluindo projetos, acordos específicos com entidades, financiamento da EU, etc.); balanço Receitas/Despesas; número mínimo de estudantes decorrendo da aferição da sustentabilidade e valor da propina.

-Sempre que houver alguma forma de **Orientação** no Curso os respectivos custos deverão ser especificamente mencionados.

-Potenciais considerações sobre os tipos de alunos e suas eventuais necessidades/especificidades (nacionais, internacionais, lusófonos, etc.), caso seja considerado relevante.

-Outras considerações consideradas relevantes pelos proponentes.

- 5- **ANEXOS** – Eventualmente poderá ser incluído um ficheiro único (zip, pdf) com documentos considerados relevantes para a tomada de decisão (proposta das UOs, deliberações anteriores, análise dos SGA)

Nota Adicional- A proposta deverá ser previamente apreciada pela Comissão de Gestão e Governação (quanto a questões orçamentais), e pela Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento (quanto ao enquadramento académico) antes de ser votada em Plenário.

**PROPOSTA DA COMISSÃO DE ENSINO INVESTIGAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO (CEID) SOBRE A AVALIAÇÃO DO PERÍODO
EXPERIMENTAL E A NOMEAÇÃO DEFINITIVA**

Os Professores Auxiliares da Universidade de Coimbra são inicialmente contratados com sujeição a um período experimental de cinco anos.

Findos esses cinco anos, a manutenção do contrato por tempo indeterminado fica sujeita ao patamar estabelecido no art. 41.º, 1 e 2, do Regulamento de Recrutamento e Contratação de Pessoal Docente da Universidade de Coimbra (Regulamento n.º 330/2016).

Ou seja: essa manutenção só pode ter lugar se o Professor Auxiliar tiver contribuído para a UC com uma atividade global.

Considera-se que essa atividade global existiu quando o Professor Auxiliar tiver «produzido e publicado resultados que estejam entre as 5% mais importantes contribuições mundiais para o avanço do conhecimento, no ano de publicação, na área ou áreas disciplinares para que é aberto o concurso, e indiciu robustamente que se manterá a esse nível, ou evidencie um muito sólido potencial para desempenho a esse nível».

A esse primeiro patamar há que acrescentar a necessidade de ter sido atingido, pelo menos, um dos seguintes parâmetros complementares (art. 41.º, 3, do Regulamento):

1. Ter desenvolvido atividade pedagógica de grande qualidade, lecionando com forte empenho disciplinas com conteúdos bem atualizados, de forma inspiradora para os seus alunos e com uma avaliação eficaz do desempenho desses alunos, e demonstrado potencial para continuar a esse nível;
2. Ter dado contribuições muito importantes em outras atividades relevantes para a missão da UC, designadamente pela participação em projetos científicos de nível mundial e pela captação de financiamentos para a UC, e demonstrado potencial para continuar a contribuir a esse nível.

Se não for atingido o patamar estabelecido no art. 41.º, 2 (leia-se: o que exige a produção e publicação de «resultados que estejam entre as 5% mais importantes contribuições mundiais para o avanço do conhecimento, no ano de publicação, na área ou áreas disciplinares para que é aberto o concurso, e indiciu robustamente que se manterá a esse nível, ou evidencie um muito sólido potencial para desempenho a esse nível»), pode o contrato ser mantido por tempo indeterminado desde que fique perto desse patamar e o Conselho Científico entenda que atinge de forma inequívoca ambos os patamares complementares estabelecidos no n.º 3 do art. 41.º (v. o n.º 4).

O que se questiona agora é o grau de exigência do patamar que encontramos estabelecido no n.º 2 do art. 41.º.

Embora seja claro que só devem interessar à Universidade de Coimbra profissionais excelentes e comprometidos com o avanço do conhecimento, o mesmo requisito referente aos 5% de topo mundial, parece-nos irrealista, e não temos notícia que tenha sido, de facto, adotado na prática. Por outro lado, um critério deste tipo não encontra eco noutras Instituições de referência internacionais, nem é exigido, na própria Universidade de Coimbra, para as categorias superiores (de Professor/a Associado/a e Catedrático/a). Para um enquadramento mais profundo desta questão chamamos a atenção para o Documento aprovado por unanimidade pela Comissão de Ensino, no anterior mandato do Conselho Geral, mas não discutido em plenário (**Anexo 1: Doc_75_CG_20**), e que se anexa à presente proposta.

Dada a incapacidade de cumprir na prática este ponto, e considerando que serem públicos e publicados em Diário da República critérios que a Universidade não cumpre não é prestigante para a Instituição, recomenda-se uma alteração do Regulamento 330/2016 (Regulamento de Recrutamento e Contratação de Pessoal Docente da Universidade de Coimbra).

Propomos pois uma nova redação do n.º 2 do artigo 41.º - 2 — Considera-se que o professor tem uma atividade de nível global quando tenha produzido e publicado resultados que configurem um importante avanço do conhecimento a nível internacional e nacional e indicie robustamente que se manterá a esse nível, ou evidencie um muito sólido potencial para desempenho a esse nível.

Adicionalmente sugerimos que o art. 41.º, 3, do Regulamento) tenha a seguinte redação:

- 1. Ter desenvolvido atividade pedagógica de qualidade, lecionando com dedicação e empenho disciplinas com conteúdos atualizados, de forma motivadora para os alunos e com uma avaliação eficaz do desempenho desses alunos, e demonstrado potencial para manter um elevado nível de intervenção pedagógica;**
- 2. Ter dado contribuições muito importantes em outras atividades relevantes para a missão da UC, designadamente pela participação em projetos científicos de nível mundial e pela captação de financiamentos para a UC, ou pelo desempenho de funções particularmente relevantes a nível nacional e internacional, e demonstrado potencial para continuar a contribuir a esse nível.**

Do mesmo modo, a CEID considera que não basta retirar esta menção aos 5% de topo mundial, mas estabelecer de forma proativa critérios práticos claros que permitam uma avaliação exigente do Período Experimental, bem como estratégias de acompanhamento de recém-contratados/as de modo a garantir que terão todas as condições para terem sucesso. Tais procedimentos teriam naturalmente de ser adaptados às diferentes áreas e realidades da Universidade de Coimbra. Anexamos a este respeito um outro documento com algumas sugestões (**Anexo 2: Sugestões CEID, Acompanhamento de recém-**

contratados e Nomeação Definitiva), que deixamos à consideração dos Conselhos Científicos das diferentes Faculdades/Unidades Orgânicas.

17 de junho de 2022

O Coordenador da Comissão

João Ramalho-Santos

Anexo 2

Relatório do 1.º evento e artigo no jornal Público

<https://www.publico.pt/2022/03/11/ciencia/opiniao/investigacao-ensino-superior-1998230>

ANEXO 2

CONTRIBUTOS PARA POTENCIAIS MECANISMOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DE DOCENTES E INVESTIGADORES CONTRATADOS PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (UC) DURANTE O PERÍODO EXPERIMENTAL

COMISSÃO DE ENSINO INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO (CEID)

Pontos Prévios:

- 1- A Universidade de Coimbra (UC) tem interesse em contratar e manter os/as melhores Docentes e Investigadores/as, de acordo com rigorosos padrões de qualidade internacional que não podem ser fixados com critérios numéricos arbitrários e irrealistas (como 'fazer parte dos 5% de melhores do mundo na sua área no final do período experimental').
- 2- Durante o período experimental os/as recém-contratados/as devem ter informação sobre os parâmetros/indicadores que devem cumprir e ter acesso a ferramentas, instrumentos e formações que lhes permitam adquirir competências avançadas na Investigação, Ensino, Inovação/Transferência e Gestão), de modo a maximizar o potencial de sucesso.
- 3- Durante o período pode ser, ainda, criado um acompanhamento personalizado (formal ou informal) de professores mais graduados visando um aconselhamento que promova a sua integração na comunidade UC disseminando boas práticas existentes.

Assim, recomenda-se que:

- 1- As Unidades Orgânicas (UO) implementem processos/formas de acompanhamento de Docentes e Investigadores/as recém-contratados/as durante o período experimental, promovendo ações de formação com as quais possam trabalhar competências específicas de desenvolvimento profissional.
- 2- As UO possam indicar Docentes e Investigadores/as de carreira que acompanhem o percurso dos/as recém-contratados/as ao longo do período experimental, promovendo aconselhamento e descodificando eventuais procedimentos com os quais possam não estar tão familiarizados.
- 3- Todas estas atividades seriam de **adesão voluntária** por parte dos/as recém-contratados/as.
- 4- **As UO estabeleçam à partida critérios claros, rigorosos e transparentes de indicadores mínimos que os contratados deverão atingir durante o período experimental, definidos de acordo com cada área específica, segundo os melhores padrões nacionais e internacionais respetivos.**
- 5- Para além do exposto acima, e que se refere especificamente ao período experimental, todos os recém-contratados/as deverão ser informados/as, desde logo e de forma clara, sobre as possibilidades de progressão de carreira a médio e longo prazo.
Essa informação para além de incluir as avaliações trienais e os concursos de promoção deve, por exemplo, focar também as potenciais vantagens em se trazerem para a UC grandes financiamentos (projetos e parcerias de elevado valor e impacto, bolsas como European Research Council Grants - ERC Grants), e de como poderão, eventualmente, ter acesso a diferentes

perfis, **nomeadamente o Perfil de Investigação**, que implica a possibilidade de menor carga letiva mediante o cumprimento de certas condicionantes. Mais ainda, recomenda-se que o acesso a este tipo de perfil (ou outros perfis que as UO possam consensualizar com a Reitoria) deva ser possível em todas as UO, mediante parâmetros fixos claros, estabelecidos em diálogo com a Reitoria.

Investigação e ensino superior: como e para quê?

<https://www.publico.pt/2022/03/11/ciencia/opiniao/investigacao-ensino-superior-1998230>

Eis várias ideias-chave para o enquadramento da investigação científica no ensino superior.



João Ramalho-Santos

Alexandrina Ferreira Mendes

11 de Março de 2022

Em fevereiro de 2022, a Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento do Conselho Geral da Universidade de Coimbra realizou um evento muito participado pela comunidade (<https://eventos.uc.pt/investigacao-uc/>), no qual se discutiram diferentes pontos de vista (<https://www.youtube.com/watch?v=w5frKdFnOls>) relacionados com o enquadrar da investigação científica no ensino superior; e com as necessárias interações que têm de existir com as empresas e a sociedade em geral para que possa ser a força motriz que deve ser num país moderno. Considerando, desde logo, que um dos problemas estruturais é que há necessidades permanentes em investigação atualmente abordadas com financiamento limitado não permanente, várias ideias-chave emergiram.

- As carreiras de Docente Universitário

(<https://www.publico.pt/2021/07/21/sociedade/noticia/merito-concurso-publico-acesso-topo-carreira-superior-vai-mudar-1971132>) (que faz, ou pode fazer, investigação a tempo parcial) e a de Investigador (que faz investigação a tempo inteiro e pode, ou não, ter alguma atividade letiva) devem ser profundamente repensadas do ponto de vista legislativo, jurídico e regulamentar. Têm de existir carreiras bem delineadas que permitam previsibilidade e planeamento na sua gestão, implicando avaliação externa regular independente, com critérios de exigência e responsabilização. O modelo atualmente existente não responde às necessidades, nem de instituições, nem de docentes/investigadores (<https://www.publico.pt/2021/11/15/sociedade/noticia/novo-regime-progressoes-professores-investigadores-superior-divide-sindicatos-1985058>).

- As carreiras podem implicar diferentes graus de dedicação a vários aspetos fundamentais no ensino superior: investigação, docência, gestão, comunicação, serviços. No entanto, não podem ser tão rígidas como são atualmente, mas devem antes ter flexibilidade suficiente para permitir a cada um variar a sua dedicação e focar-se mais numa ou noutra vertente em momentos diferentes da sua carreira. Algo que permitiria em cada fase da carreira aproveitar melhor diferentes características, maximizando a eficiência e tirando o melhor partido de cada uma. Maior flexibilidade na carreira permitiria também valorizar mais a experiência acumulada e reduzir o cansaço. Teria de haver regras simples, claras e previsíveis, e não uma gestão de carreira ad hoc.

- O contributo dos docentes/investigadores (<https://www.publico.pt/2018/06/09/sociedade/opiniao/uma-nova-carreira- universitaria-1833434>) tem de ser mais valorizado, com sistemas claros de incentivo e de estímulo a diversos níveis, que sejam, mais uma vez, simples e transparentes. A avaliação tem de ser fortemente repensada de modo, não só apontar sempre para uma maior exigência, como a valorizar de forma consequente atividades cruciais, mas academicamente menos canónicas, que impliquem ligações efetivas à sociedade e criação de valor (cultural, social, económico), e não apenas indicadores científicos. É igualmente importante ter políticas específicas para áreas menos desenvolvidas, e mecanismos inclusivos para estimular e apoiar indivíduos pouco envolvidos, ou numa fase difícil da carreira.
- Sendo que não houve unanimidade sobre as vantagens de uma carreira estritamente de investigação no ensino superior (https://www.publico.pt/2022/02/13/opiniao/opiniao/universidades-voltam- educacao-retrocesso-1995143?ref=pesquisa&cx=page_content), sobretudo nos moldes em que é balizada atualmente, é fundamental criar sistemas de apoio a angariação de financiamento e de gestão eficazes que libertem os envolvidos para atividades produtivas. Por outro lado, a precariedade permanente, e o facto de existirem contratos com tipologias e garantias distintas diferentes para o desempenho das mesmas funções, não são condições aceitáveis, e geram permanente insegurança, desmotivação e descrença. É ainda de sublinhar que os apoios dados no início de um projeto não permitem fixar equipas, sendo necessário delinear estratégias de médio-longo prazo. Por último, as instituições têm também o dever de assumir algum risco estratégico ao abordar estas questões.
- Todos os tipos de investigação (básica, aplicada, profissionalizante) fazem falta e devem ser apoiados. A ótica deve ser inclusiva e multidisciplinar, que perceba especificidades disciplinares, mas as transcenda, ligando de forma efetiva os diferentes tipos de instituições (universidades/politécnicos, centros de investigação, empresas, estruturas governativas locais e nacionais, associações de cidadãos, ONG, etc.). Mas não com estratégias e programas que claramente não são eficazes, e que devem ser reavaliados. Por exemplo, tem sido demasiado fácil para a indústria obter apoios para investigação e desenvolvimento, sem verdadeiramente os promover, e sem contratar de forma sustentada doutorados. O objetivo último tem de implicar a criação de ecossistemas de saber verdadeiramente integrativos e dialogantes, em vez de aglomerados díspares reunidos de forma utilitária e pontual para executar projetos e garantir indicadores. Modelos com esse tipo de organização existem já em países com condições e constrangimentos muito similares a Portugal, pelo que não se trata de um objetivo utópico; e temos condições únicas para, neste momento, consolidar esse caminho.
- Independentemente de questões relacionadas com carreiras, não é possível pensar a investigação desligada do ensino, nem o ensino desligado da investigação; porque a missão do ensino superior é formar para um mundo desafiante em permanente mutação, na vanguarda do qual está a investigação. Neste sentido, a flexibilização dos currículos académicos, não só permitindo, mas promovendo maior inter e multidisciplinaridade, é também um objetivo essencial para uma melhor e mais eficiente integração da investigação e do ensino. Dessa simbiose resultarão docentes mais realizados e eficientes capazes de promover uma formação verdadeiramente superior, pronta a formar cidadãos para o futuro.

Anexo 3

Relatório do 2.º evento e relatório da Provedoria do Estudante

MELHOR ENSINO, MAIS UNIVERSIDADE



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Comissão de Ensino, Investigação
e Desenvolvimento do Conselho
Geral da Universidade de Coimbra

Março de 2023

Índice

	Pág.
1. Nota introdutória	3
2. Objectivos	3
3. Programa	4
4. Breve descrição comentada	5
Sessão de Abertura	5
Missão da Universidade, Pedagogia no Ensino Superior	5
Desafios pedagógicos: a voz dos estudantes – Apresentação do relatório dos grupos focais de estudantes	9
5. Questionário de avaliação	9
6. Conclusões e recomendações	11
Conclusões/reflexões	11
—	
Anexo	15
Que universidade queremos: a voz dos estudantes Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento do Conselho Geral e Provedoria do Estudante	

1. Nota introdutória

No âmbito das suas atividades, a Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento (CEID) do Conselho Geral da Universidade de Coimbra planeou a realização de dois eventos, um mais centrado na Investigação – *Investigação no Ensino Superior: Como e Para quê?* e outro vocacionado para o Ensino – *Melhor Ensino, Mais Universidade*. Tendo o primeiro ocorrido em fevereiro de 2022 (cf. artigo publicado no Público por João Ramalho e Alexandrina Mendes, no dia 11 de março de 2022), o presente relatório refere-se ao segundo, realizado no dia 8 de fevereiro de 2023, no Auditório da Universidade de Coimbra, que contou com a presença de 323 participantes, entre docentes, alunos e pessoal do corpo técnico. A página do evento encontra-se disponível em: <https://www.uc.pt/melhorensino/>.

2. Objectivos

Num momento em que a Universidade enfrenta grandes mudanças e desafios e em que, consequentemente, importa compreender melhor os caminhos do presente e para o futuro, a iniciativa *Melhor Ensino, Mais Universidade* teve por principal objetivo alargar a toda a comunidade académica a reflexão que a CEID tem vindo a fazer sobre este tema, tendo contado, desde o início, com a estreita colaboração da Provedoria do Estudante que se associou à sua organização. Contando com a participação de especialistas em várias vertentes do ensino universitário, este evento pretendeu, assim, dinamizar um debate aprofundado sobre aquela que é, e deve continuar a ser, uma das missões essenciais da Universidade: desenvolver um ensino superior de qualidade.

Neste contexto (com o programa que segue), após a Sessão de Abertura que contou com as intervenções da Sra. Presidente do Conselho Geral, Dra. Gabriela Figueiredo Dias, e do Magnífico Reitor, Professor Doutor Amílcar Falcão, o evento *Melhor Ensino, Mais Universidade* incluiu duas partes principais: uma desenvolvida da parte da manhã, em que se procurou refletir sobre questões essenciais da missão do Ensino e da Universidade atual e da Pedagogia no Ensino Superior; outra durante a tarde, que incidiu nas perceções dos estudantes sobre aquilo que consideram ser as principais dificuldades e desafios da sua vivência na UC.

3. Programa

Sessão da manhã

9:15 - 9:45 **Abertura**

Adérito Araújo

(Coordenador da CEID do CG)

Amílcar Falcão

(Reitor da UC)

Gabriela Figueiredo Dias

(Presidente do Conselho Geral da UC)

9:45 – 10:45 Conferência Plenária

***O Ensino na Universidade do
Século XXI. Missão ou Negócio?***

Marcelo Parreira do Amaral

(University of Münster, Germany)

Moderação: **Isabel Festas**

10:45-11:00 Intervalo

11:00-13:00 Debate:

A pedagogia no ensino superior

Conceção de Ambientes de

***Aprendizagem On-line: Aplicação
dos Princípios do Design Instrucional,***

Guilhermina Miranda (Instituto de

Educação da Universidade de Lisboa)

***Construir ambientes de aprendizagem
efetivos,*** **Cristina Albuquerque**

(Vice-Reitora da UC)

***A avaliação como o motor da
aprendizagem,*** **José Fernando**

Oliveira (Faculdade de Engenharia,
Universidade do Porto)

Moderação: **Adérito Araújo**

13:00-14:00 Almoço

Sessão da tarde

**14:15-15:30 Desafios pedagógicos:
a voz dos estudantes**

***Apresentação do relatório dos grupos
focais de estudantes,*** **Paulo Peixoto e
Joana Almeida** (Provedoria do Estudante)

**15:45-17:15 – Debate sobre
questões suscitadas pelo relatório
dos grupos focais**

Paulo Peixoto

(Provedor do Estudante)

João Pedro Caseiro

(Presidente da DG da Associação
Académica de Coimbra)

Moderação: **Teresa Pedroso de Lima**

4. Breve descrição comentada

Sessão de Abertura

A Senhora Presidente do Conselho Geral, Dra. Gabriela Figueiredo Dias, deu início aos trabalhos do evento, proferindo algumas palavras em que justificou a sua importância pela necessidade de reflexão sobre os desafios que se colocam atualmente ao ensino universitário e, em particular, à Universidade de Coimbra. Desses desafios destacou o imperativo de a Universidade contribuir cada vez mais para a inovação científica e tecnológica e o de refletir sobre as metodologias pedagógicas e os programas de formação. Chamou, também, a atenção para o impacto negativo no desenvolvimento social da subvalorização das áreas humanísticas, defendendo que a Universidade deve assumir um papel ativo na formação global dos estudantes, oferecendo-lhes uma preparação ética e cidadã transversal e alicerçada na educação para a cidadania e a sustentabilidade.

Ainda no período de Abertura, interveio o Magnífico Reitor, Professor Doutor Amílcar Falcão, que destacou a pertinência e relevância da iniciativa, perante um horizonte de mudanças rápidas e disruptivas que têm não só o potencial de criar instabilidade na organização do ensino superior, como de conduzir à desagregação do sistema formativo, comprometendo a aquisição pelos estudantes de uma formação sólida, capaz de garantir a inserção com sucesso no mercado de trabalho. Neste contexto, reiterou a importância de ouvir os jovens, os seus anseios e preocupações, não apenas numa perspetiva reativa, mas para antecipar tendências e, assim, adequar e adaptar o ensino à evolução social.

Missão da Universidade, Pedagogia no Ensino Superior

À sessão de Abertura, seguiu-se a Conferência Plenária, proferida pelo Doutor Marcelo Parreira do Amaral, Professor Catedrático em Educação no Instituto de Educação da Universidade de Münster, na Alemanha, e Professor visitante da Universidade de Turku na Finlândia. Lecionando e investigando em áreas relacionadas com as transformações geopolíticas no ensino superior, tem-se debruçado particularmente sobre a emergência e expansão da Indústria de Educação Global e sobre o modo como a mesma está a transformar a conceptualização daquilo que é considerada uma “boa” educação.

Na sua Conferência, intitulada *O Ensino na Universidade do Século XXI. Missão ou Negócio?*, Marcelo Parreira do Amaral fez uma análise profunda da essência da Universidade no séc. XXI. Fenómenos relacionados com a massificação, a digitalização, a globalização e a mercantilização, sustentada em *rankings* que atribuem um “valor” ao ensino, tem vindo a transformar a Universidade num bem transacionável. A ideia de ensino digital, global e transacionável ou “tokenização” do ensino tem fortes implicações no acesso, internacionalização e qualidade do ensino superior, afetando e mudando a relação docente/discente, questionando métodos pedagógicos e a natureza do que deve ser aprendido, colocando o foco e objetivo do ensino na aquisição de *soft skills*. Nesta perspetiva, o ensino universitário é concebido como negócio que requer uma ação urgente e imediata que leve à obtenção de resultados, isto é, à aprendizagem. Por isso, muitas vezes, o ensino é dividido em parcelas imediatas, mas fragmentárias. Sendo um bem transacionável, levanta de imediato a questão da equidade, local e global, no acesso a esse bem.

Marcelo Parreira do Amaral prosseguiu a sua análise, desenvolvendo uma ideia alternativa de Universidade/*Universitas*, centrada no estudo e não na aprendizagem. Nesta perspetiva, docentes e discentes estão unidos na busca de conhecimentos (imparciais), constituindo-se o estudo como prática performativa e pedagógica essencial e definidora de ensino e, portanto, de Universidade. Neste conceito, a obtenção de um resultado, de uma aprendizagem (mensurável, logo transacionável e mercantilizável) é secundária à liberdade de ensinar e de investigar, isto é, de estudar, mais do que aprender. Esta conceção prende-se também com a ideia de *Universitas* como bem comum.

A necessidade de definir claramente o que é a essência da Universidade no séc. XXI é cada vez mais atual. As duas formas de conceber a essência da Universidade – como bem transacionável ou como centrada no estudo e no bem comum – traduzem-se em dois modos ou cenários diferentes que oferecem respostas distintas à questão do que deve ser o ensino na Universidade do séc. XXI. As Universidades devem refletir sobre estas respostas e sobre a escolha que deve ser feita, tendo já algumas optado claramente pelo conceito de ensino como bem transacionável. Marcelo Parreira do Amaral terminou considerando que, para uma reflexão e consequente escolha, é crucial reclamar melhor ensino, mais Universidade, reforçando, assim, a importância do tema do presente evento.

À Conferência Plenária, seguiu-se uma Mesa centrada na Pedagogia do Ensino Superior. Para debater este tema foram convidadas três pessoas com experiências/

formações diferentes no âmbito da pedagogia, de modo a que pudessem falar sob diversas perspetivas: Doutora Guilhermina Miranda, Professora do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e especialista em Psicologia da Educação, com investigação e obra nos domínios das teorias da aprendizagem e ensino, do design instrucional, da tecnologia educativa e dos recursos multimédia; Doutora Cristina Albuquerque, Vice-Reitora da Universidade de Coimbra para os Assuntos Académicos e Atratividade de Estudantes Pré-Graduados; Doutor José Fernando Oliveira, Professor da Faculdade de Engenharia, da Universidade do Porto, com grande interesse nas questões pedagógicas, com um Prémio de Excelência Pedagógica e membro da Comissão Coordenadora do CNaPPES (Congresso Nacional de Práticas Pedagógicas no Ensino Superior).

Guilhermina Miranda centrou a sua intervenção na aplicação de alguns princípios das teorias da aprendizagem e do instrucional design na conceção de ambientes de aprendizagem *online*. Começou por distinguir vários modos de ensino *online*, realçando as características do ensino a distância e dos ambientes virtuais de aprendizagem, por oposição ao ensino remoto de emergência. Salientou a importância do planeamento dos cursos de ensino a distância e do design eficiente dos recursos educativos digitais para uma real eficácia destes cursos. Em particular, realçou que para o sucesso da aprendizagem em ambiente online é essencial a definição de objetivos de aprendizagem claros e relevantes, bem como a disponibilização de materiais e processos de avaliação que permitam ao estudante obter regularmente *feedback* corretivo e analítico sobre a sua própria aprendizagem.

Cristina Albuquerque, na qualidade de Vice-Reitora para os Assuntos Académicos e Atratividade de Estudantes Pré-Graduados, fez uma reflexão sobre a construção de ambientes de aprendizagem efetivos. Considerando que a missão do ensino superior é transformar, criando oportunidades para a evolução pessoal, enquadrou o ensino como o motor para o acesso ao conhecimento e este como a fonte de progresso e, portanto, de desenvolvimento humano e social. Neste sentido, realçou a necessidade de incidir no pensamento crítico e reflexivo como condição para promover a construção do conhecimento e da compreensão de si próprio, do outro e da sociedade. Esta construção, requerendo racionalidade, exige também vontade e afetividade, aspetos distintivos do ser humano. A Universidade tem, assim, que se constituir como motor dessa vontade, promovendo a curiosidade e desejo de aprender e de ir mais além. Para isso, o ambiente de aprendizagem tem que ser construído contínua e dinamicamente. O professor e o estudante são centrais nessa construção. Referiu que o “Processo de Bolonha”, tendo colocado a centralidade no estudante, está ainda

muito distante do seu objetivo. Para o cumprir, uma das questões fundamentais prende-se com a personalização do ensino em ambientes massificados. O contexto individual condiciona a aprendizagem e a construção do próprio eu e, por isso, a personalização do ensino é essencial e está intimamente associada à autonomia, de modo que cada estudante possa procurar (e obter) o que necessita para a construção do conhecimento e do seu próprio desenvolvimento. A Universidade tem, por isso, que proporcionar referenciais assentes na cultura, isto é, na capacidade de integrar o conhecimento passado no presente para projetar o futuro, de modo a que os estudantes possam passar da aquisição de um conhecimento imediatista, para a capacidade de perspetivar o futuro, de atuar hoje para mudar o amanhã. Só criando cultura poderá a Universidade contribuir para a formação de cidadãos plenos que sejam verdadeiros agentes de mudança e transformação da sociedade, afirmando valores humanistas, de solidariedade, justiça e equidade.

Na intervenção seguinte, José Fernando Oliveira apresentou a sua experiência pessoal com uma metodologia que utiliza em diversas unidades curriculares, não apenas como instrumento de avaliação, mas acima de tudo, como forma de promover a aprendizagem e o sucesso dos estudantes. Destacou ainda o que considera serem os fatores determinantes do sucesso daquela metodologia, nomeadamente, a estruturação vertical das tipologias de avaliação com graus de dificuldade baseados na taxonomia de Bloom, o feedback para os estudantes sobre a sua própria aprendizagem e para o docente, permitindo-lhe identificar facilmente os estudantes com menor sucesso. Notou também que a vantagem deste tipo de metodologias assenta no trabalho colaborativo no ensino, o que requer equipas docentes estáveis. Concluiu que o desenvolvimento de metodologias e estratégias pedagógicas mais eficientes e promotoras do sucesso dos estudantes requer investimento por parte dos docentes, pelo que são essenciais mecanismos de recompensa que valorizem a dimensão de ensino na carreira. Dar visibilidade aos exemplos de sucesso, como já é feito em relação à investigação, será um motor para a disseminação de boas práticas e um incentivo à sua adoção por mais docentes.

A parte da manhã terminou com um debate muito participado, em que a audiência colocou questões relacionadas com as intervenções, como as que se reportam ao papel da Universidade e à missão do Ensino na atualidade, com os objetivos da formação dos/as estudantes, com a inovação pedagógica, com a utilização de ferramentas digitais e com a avaliação.

Desafios pedagógicos: a voz dos estudantes — Apresentação do relatório dos grupos focais de estudantes

A sessão da tarde iniciou-se com a apresentação de um estudo desenvolvido pela Provedoria do Estudante, a pedido da CEID, baseado em entrevistas a estudantes selecionados de modo a representarem o melhor possível a comunidade discente da UC e com o propósito de identificar as principais dificuldades sentidas nos vários níveis de ensino e nas várias unidades orgânicas (nomeadamente, estudantes internacionais, atletas ou com necessidades educativas especiais, entre outros). A apresentação do relatório contou com alguns testemunhos de estudantes e foi acompanhada de um debate muito vivo. De seguida, após a intervenção do Presidente da AAC, o Provedor do Estudante fez uma súmula das principais questões identificadas, muitas delas refletindo as mesmas preocupações evidenciadas no debate da manhã, e salientou como necessidades transversais a importância do conhecimento dos Regulamentos da UC e das Unidades Orgânicas, tanto por parte dos estudantes como dos docentes, e ainda criação de medidas que promovam uma coordenação mais efetiva dos cursos, garantindo não só uma adequada articulação entre unidades curriculares mas também o cumprimento integral do Regulamento Académico da UC.

5. Questionário de avaliação

No final do evento, foi disponibilizado um inquérito de satisfação aos presentes e oradores. O número de respostas recebidas foi de 91, correspondendo três dessas respostas a oradores. Apresentamos, de seguida, um conjunto de gráficos correspondentes respostas às questões efetuadas.

Como se pode verificar na Figura 1 (esquerda) a maioria dos participantes avalia muito positivamente o evento. Cerca de 2/3 dos participantes avaliou o evento como Excelente ou Muito bom. Os temas abordados no evento também agradaram à maioria dos participantes (Figura 1 (direita)). Mais uma vez, cerca de 2/3 das respostas foram “Excelente” ou “Muito bom”.

Os participantes foram também questionados sobre a probabilidade de recomendar o evento a um amigo/colega. A escala proposta foi: 0 não recomenda e 10 é extremamente provável que recomende o evento a um amigo/colega. Como se pode

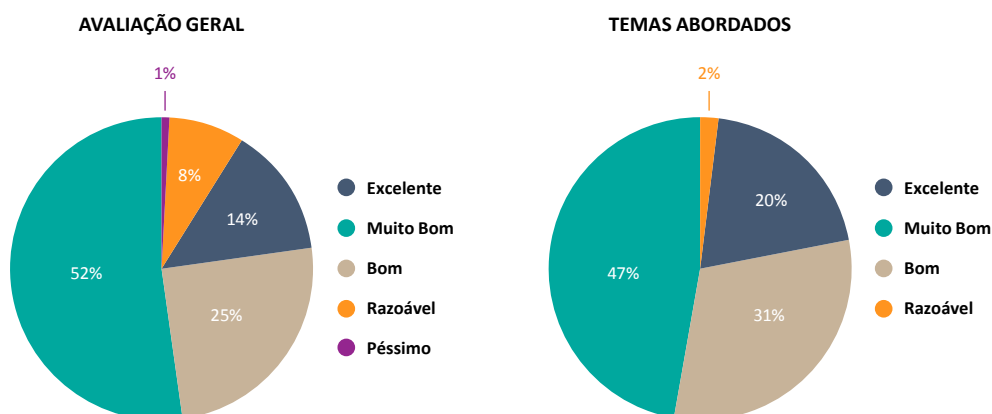


Figura 1. Como avalia o evento: no geral e relativamente aos temas abordados?

ver na Figura 2, o número de respostas com valores superiores ou iguais a 7 excedeu os 80% o que, mais uma vez, reflete a opinião muito positiva dos participantes.

Outras questões prenderam-se com aspetos organizacionais. A maioria dos participantes ficou muito agradada com a organização do evento (Figura 3 (esquerda)) e considerou que o staff muito prestável (Figura 3 (direita)). Esse foi também o sentimento da Comissão Organizadora. O staff esteve sempre disponível para colaborar, revelando-se extremamente prestável durante todo o dia. Relativamente à duração (Figura 4 (esquerda)), a grande maioria dos(as) participantes considerou ideal a duração do evento. A localização também agradou à maioria dos participantes (Figura 4 (direita)).

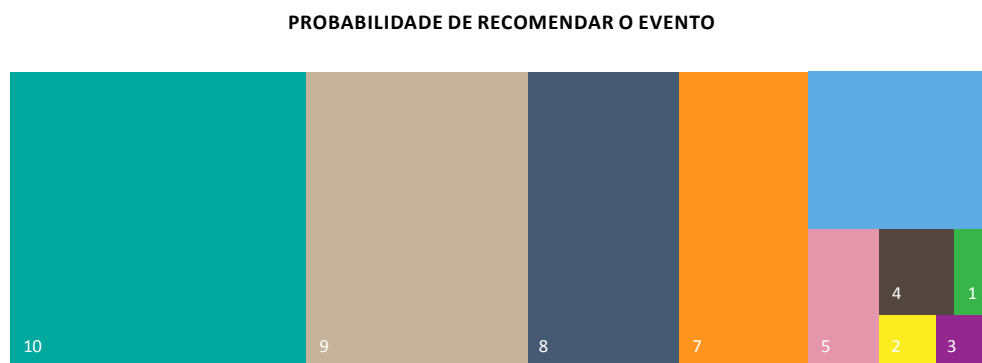


Figura 2. Qual a probabilidade de recomendar este evento a um amigo/colega?

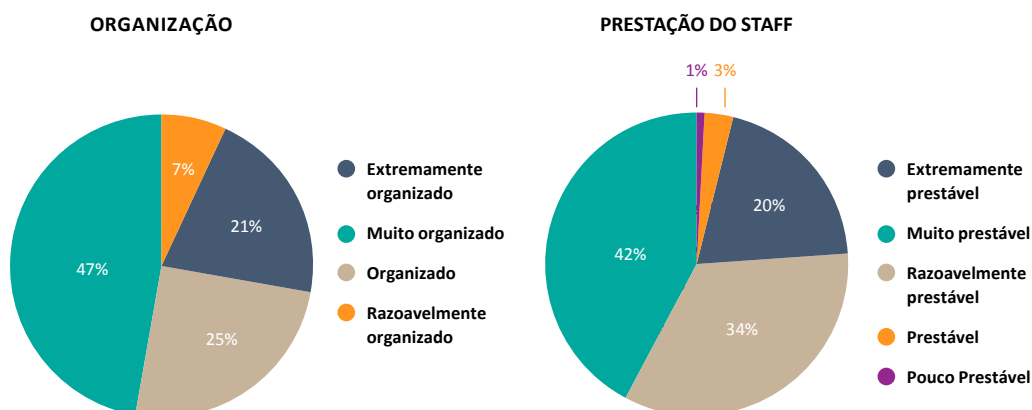


Figura 3. Como avalia o evento relativamente à organização e à prestação do staff?

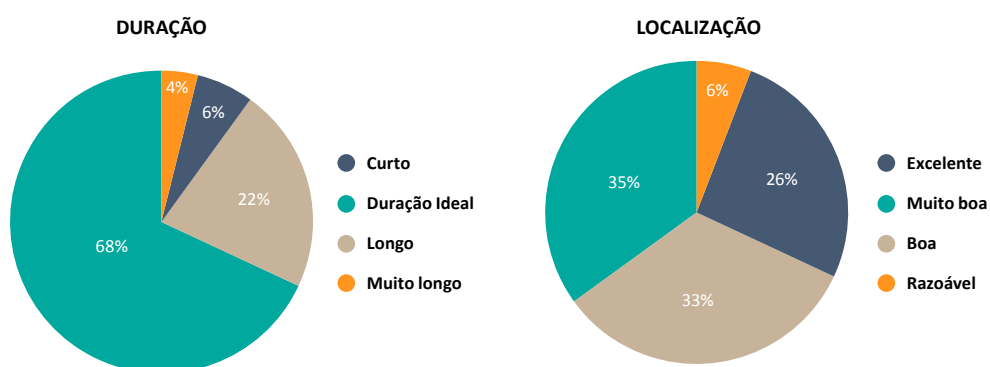


Figura 4. Como avalia o evento relativamente à duração e à localização?

6. Conclusões e recomendações do relatório

Conclusões/reflexões

Da ampla participação por parte da comunidade académica, expressa na presença de um número significativo de docentes, estudantes e membros do corpo técnico, bem como do conjunto das intervenções e do debate suscitado pelas mesmas, podemos concluir que este evento, centrado no tema do Ensino, do seu lugar e papel na Universidade de hoje, representou um momento importante que deve ter continuidade.

A necessidade de manter o debate, através da realização de novos encontros, em torno de temas tão decisivos como é o do Ensino será, assim, uma primeira conclusão a retirar desta iniciativa. A identificação, a discussão e a reflexão de e sobre questões,

desafios, dificuldades e respostas possíveis e alternativas, por parte dos diversos atores da vida académica – chefias, docentes, estudantes e corpo técnico – em interlocução com especialistas, é condição necessária para, pensando o presente, decidir como se quer construir o futuro de uma Universidade em que uma das suas missões fundamentais é a do Ensino.

Como principais conclusões do presente evento, podemos, ainda, destacar duas ideias chave. A primeira diz respeito ao facto de ter sido amplamente sustentada e reforçada a valorização do ensino como um pilar fundamental de uma Universidade que se assuma como um lugar de transformação pessoal, científica, social e cultural. A segunda remete para a necessidade de a reflexão e de a tomada de decisões sobre o lugar e o papel do ensino e sobre as práticas pedagógicas que o devem concretizar se dever subordinar à discussão sobre as grandes finalidades da Universidade e ao modo como concebemos a sua missão.

Resta dizer que se espera que, através de encontros como o presente, sejam identificadas não só questões-chave relativas ao lugar e modo do ensino mas também recomendações a considerar pela academia. Neste contexto, também deste primeiro evento emergiram as recomendações a seguir enunciadas.

Conclusões e recomendações

1. Para além de iniciativas como a presente, promover/criar fóruns de discussão permanente (realizados periodicamente) e/ou workshops sobre temas de índole pedagógica (e.g., práticas pedagógicas inovadoras, tamanho ideal das turmas, ambientes virtuais, recursos multimédia, lugar da avaliação na aprendizagem);

2. Salientar que o sucesso dos vários modelos de ensino *online*, regime que não pode ser confundido com a experiência de ensino remoto de emergência, depende não só da definição de objetivos de aprendizagem claros e relevantes acompanhados de materiais de avaliação que permitam *feedback* regular e corretivo, mas também de um investimento claro na conceção de ambientes virtuais de aprendizagem e no design eficiente de recursos educativos digitais;

3. Sublinhar que todo o trabalho de apoio à atividade letiva (vigilância de provas de avaliação, apoio às aulas, docência, etc.) deve ficar registado de forma transparente, ser valorizado e - sempre que se trata de substituição do trabalho de docência - ser remunerado; e, em simultâneo, incentivar a participação de estudantes de 3.º ciclo na atividade docente de algumas unidades curriculares e/ou encorajar a criação de outras iniciativas que sensibilizem quem se encontra na dupla condição de estudante/docente para os desafios exigentes da atividade pedagógica bem como para a importância das aulas no ensino superior;

4. Prestar especial atenção ao acolhimento dos novos estudantes, através de estruturas de apoio especialmente vocacionadas para esse efeito, do envolvimento da comunidade académica nas sessões de receção (e.g., entidades como o Provedor do Estudante e órgãos de gestão das UO, estruturas estudantis e centros de investigação) e da divulgação de informação sobre os órgãos e serviços da UC. Há, ainda, a ter em consideração os estudantes colocados nas 2.ª e 3.ª fases que encontram dificuldades particulares devido à sua entrada em pleno funcionamento letivo;

5. Prestar apoio aos estudantes internacionais (EI). Foram identificadas algumas medidas concretas como: maior articulação entre a Divisão de Relações Internacionais (DRI) e a AAC para cruzar informação e para dar mais apoio aos EI, nomeadamente através da possível atribuição de um tutor e da divulgação de apoios (ex. cursos de português da FLUC). Destacou-se, também, a necessidade de elaboração de um protocolo entre a UC e o Serviço de Estrangeiro e Fronteiras (SEF) para criar uma via rápida e prioritária para a obtenção de vistos. Para os EI que não conseguem vir para Portugal por causa de atrasos nos vistos, é sugerido que estes possam assistir às aulas de forma remota ou ter acesso a material de apoio e sessões de acompanhamento e esclarecimento de dúvidas *online*;

6. Dar atenção e apoio contínuo aos estudantes com necessidades educativas especiais. Foram sugeridas algumas medidas concretas como: maior articulação entre as Unidades Orgânicas, os coordenadores de curso e o gabinete de apoio a estudantes com NEE para sinalizar os estatutos e definir em tempo útil as medidas de apoio a adotar; atribuição de um tutor para orientar estudantes com NEE; diferenciação das medidas de apoio em função das necessidades específicas de cada estudante; indicação de medidas de apoio que se foquem numa melhoria de aprendizagem ao longo de cada semestre, em vez das atuais que se esgotam nos momento de avaliação;

7. Promover um maior esclarecimento junto dos docentes sobre os direitos especiais associados aos diversos estatutos, reconhecidos no nº3 do Artigo 134.º do RAUC;

8. Criar uma cultura académica que valorize o trabalho docente e promova a liberdade de ensinar e investigar. Reforçar a importância da criação de mecanismos de recompensa que distingam a dimensão do ensino na carreira. Também deveriam ser considerados aspetos relacionados com as necessidades de formação pedagógica e com a promoção de atividades de troca e de partilha de experiências entre docentes. De um modo geral, considerou-se que este aspeto está intimamente associado à valorização na carreira da vertente da docência.

Anexo

Em anexo inclui-se o relatório “Que universidade queremos: a voz dos estudantes”, elaborado pela Provedoria do Estudante da Universidade de Coimbra, que dá conta de um estudo que pretende “conhecer a realidade dos estudantes da Universidade de Coimbra (UC) desde a entrada até à saída da universidade, bem como avaliar a capacidade da instituição no domínio da integração académica e social e promoção do sucesso dos estudantes da UC”. Os resultados desse estudo foram apresentados e discutidos na sessão da tarde do evento “Melhor Ensino. Mais Universidade”.



Que universidade queremos: a voz dos estudantes

COMISSÃO DE ENSINO, INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CONSELHO GERAL
PROVEDORIA DO ESTUDANTE

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Introdução

O estudo que apresentamos de seguida partiu de um desafio lançado pela Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento do Conselho Geral à Provedoria do Estudante da Universidade de Coimbra para ouvir os estudantes e seus representantes sobre os seus percursos na UC.

O objetivo geral deste estudo foi conhecer a realidade dos estudantes da Universidade de Coimbra (UC) desde a entrada até à saída da universidade, bem como avaliar a capacidade da instituição no domínio da integração académica e social e promoção do sucesso dos estudantes da UC.

Para atingir este desiderato, privilegiámos métodos qualitativos, mais especificamente, grupos focais e rodas de conversa, de forma a fomentar o diálogo coletivo e a reflexão em torno de potenciais recomendações. Ambos foram organizados entre outubro e novembro de 2022. O objetivo foi retratar a experiência de alguns estudantes, de diferentes contextos, cursos e estatutos da UC.

Os dados recolhidos, que foram apresentados num evento aberto a toda a comunidade académica da UC¹, pretendem contribuir para o desenvolvimento de recomendações e estratégias mais adaptadas para mitigar as dificuldades experienciadas durante o percurso dos estudantes e, simultaneamente, promover percursos académicos de sucesso numa lógica de responsabilidade social.

Os grupos focais e a roda de conversa foram conduzidos pelo Senhor Provedor do Estudante, Professor Paulo Peixoto e pela investigadora do CEIS20, Joana Almeida, que atualmente exerce funções na Provedoria do Estudante.

Neste sentido, a Provedoria do Estudante cumpre o seu desígnio, que ultrapassa a resposta às solicitações apresentadas ao PE, assumindo o compromisso com uma atuação preventiva, identificando tendências, problemas e questões sistémicas que afetam os estudantes da UC.

¹ Evento organizado pela Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento do Conselho Geral e Provedoria do Estudante da Universidade de Coimbra realizado no dia 8 de fevereiro de 2023: “Melhor Ensino, Mais Universidade” - <https://www.uc.pt/melhorensino/>

Seleção dos participantes

Grupos focais

Os participantes foram selecionados através da plataforma NONIO e enquadram-se numa amostra de conveniência.

O objetivo foi tentar representar diversos estatutos e contextos dos estudantes para construir grupos diversificados. Para além da seleção de estudantes regulares nacionais, isto é, sem qualquer bolsa ou estatuto especial de cada Unidade Orgânica (8 estudantes), os estatutos/contextos selecionados foram:

- Estudantes com bolsas de mérito;
- Estudantes das residências universitárias (não bolseiros);
- Estudantes em situação de emergência por razões humanitárias;
- Estudantes com Necessidades Educativas Especiais;
- Estudantes com bolsa de estudo;
- Trabalhadores/estudantes;
- Estudantes/atletas ou atletas de alta competição.

Cada estatuto seria representado por dois estudantes, no entanto, em alguns casos, este desiderato não foi possível de atingir.

Na seleção dos participantes foram tomados em consideração os seguintes critérios de diversidade da amostra:

- Presença de estudantes de todas as Unidades Orgânicas;
- Paridade de género (60% mulheres; 40% homens);
- Peso dos ciclos de estudo no universo (70% 1º ciclo; 20% 2º ciclo; 10% 3º ciclo).

Os estudantes selecionados tinham de ter no mínimo duas matrículas (por terem uma maior experiência na UC) e contacto telefónico associado para agilizar o contacto inicial.

Roda de conversa

A roda de conversa foi realizada no âmbito de uma assembleia pedagógica com o apoio da direção da AAC e, pelo seu contexto, privilegiou aspectos relacionados à área pedagógica.

O guião da roda de conversa foi construído tendo por base problemas que surgem recorrentemente nas jornadas pedagógicas onde o Provedor do Estudante (PE) está habitualmente presente.

Neste caso, os participantes selecionados e convidados foram representantes da área pedagógica de todos os núcleos de estudantes e dos Conselhos Pedagógicos de todas as Unidades Orgânicas.

Caracterização dos participantes dos grupos focais

Grupos focais

Foram realizadas três sessões com a duração de cerca de 3 horas, contando no total com 15 participantes:

Estatuto	Nº	Ciclo de estudos	Sexo	UO
Estudantes com bolsas de mérito	2	2º	F	FEUC
		2º	F	FEUC
Estudantes das residências (não bolseiros)	2	1º/2º	F	FMUC
		3º	M	FEUC
Estudantes com Necessidades Educativas Especiais	2	1º	M	FLUC
		1º	M	FEUC
Estudantes com bolsa de estudo	1	2º	M	FEUC
Trabalhadores/estudantes	1	1º	F	FCTUC
Estudantes/atletas e atletas de alta competição	2	1º	F	FCTUC
		1º	F	FFUC
Estudantes regulares nacionais (sem qualquer estatuto especial)	5	1º	M	FCDEFUC
		1º	F	FDUC
		1º	F	FLUC
		1º	M	FEUC

		2º	M	FCTUC
--	--	----	---	-------

Conforme podemos verificar, não foi possível fazer representar o estatuto de estudantes em situação de emergência por razões humanitárias e alguns estatutos foram apenas representados por um estudante (trabalhadores-estudantes e estudantes com bolsas de estudo).

De igual forma, no grupo dos estudantes regulares, também não foi possível fazer representar todas as Unidades Orgânicas (UO), no entanto, os estudantes com estatuto colmataram essa lacuna, à exceção da FPCEUC.

Roda de conversa

Quanto à roda de conversa realizada no âmbito da assembleia pedagógica, esteve presente um membro da Direção da Associação Académica de Coimbra (AAC), e foram convidados os representantes dos estudantes dos conselhos pedagógicos de todas as UO e vogais da pedagogia dos 26 núcleos de estudantes da AAC.

Estiveram presentes representantes de 17 núcleos de estudantes (maioritariamente da área pedagógica).

Estiveram igualmente presentes representantes dos estudantes do Conselho Pedagógico da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra (FCTUC) e do Conselho Pedagógico da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC).

Núcleo da AAC	UO	Núcleo da AAC	UO
1. Núcleo de Estudantes de Administração Público-Privada	FDUC	10. Núcleo de Estudantes de Psicologia, Ciências da Educação e Serviço Social	FPCEUC
2. Núcleo de Estudantes de Gestão	FEUC	11. Núcleo de Estudantes de Informática	FCTUC
3. Núcleo de Estudantes de Economia	FEUC	12. Núcleo de Estudantes de Medicina Dentária	FMUC
4. Núcleo de Estudantes de Relações Internacionais da Faculdade de Economia	FEUC	13. Núcleo de Estudantes de Medicina	FMUC

5. Núcleo de Estudantes de Geociências	FCTUC	14. Núcleo de Estudantes de Engenharia do Ambiente	FCTUC
6. Núcleo de Estudantes de Engenharia Civil	FCTUC	15. Núcleo de Estudantes de Biologia	FCTUC
7. Núcleo de Estudantes do Departamento de Engenharia Mecânica	FCTUC	16. Núcleo de Estudantes de Bioquímica	FCTUC
8. Núcleo de Estudantes de Farmácia	FFUC	17. Núcleo de Estudantes do Departamento de Engenharia Química	FCTUC
9. Núcleo de Estudantes do Departamento de Arquitetura	FCTUC		

Perfil dos participantes dos grupos focais

Quanto ao perfil dos participantes, este aspeto é apenas pertinente relativamente aos grupos focais, já que na roda de conversa os intervenientes participaram enquanto representantes dos estudantes.

Nos grupos focais, a descrição do perfil dos participantes ajuda-nos a contextualizar um pouco melhor os dados recolhidos.

Estudantes de mérito

- Estudante de mérito 1: O estudante e a sua família esperavam que fosse para Lisboa (como para a NOVA de Lisboa, ISCTE, ISEL), para os “grandes” da Engenharia (muito “vendido” no secundário). Sempre soube que queria engenharia. O estudante é de uma cidade pertencente ao distrito de Santarém (a 80km de Coimbra) e os colegas também desejavam ir para Lisboa. No entanto mudou a sua decisão “à última hora”. A irmã estava a ser seguida no pediátrico de Coimbra. A distância era a mesma (de onde vivia para Coimbra ou para Lisboa), por isso a decisão prendeu-se por ser uma cidade mais económica, com maior qualidade de vida. Veio sem os colegas do secundário. Não se arrepende. Para além disso, também considerava a UC uma IES prestigiada.
- Estudante de mérito 2: natural de concelho limítrofe de Coimbra (29km distância). Entrou na UC com 19 anos. Viveu em Coimbra na licenciatura. Atualmente está no doutoramento. No mestrado vivia com os pais. Sempre

quis a UC. Tradição familiar. Na família há várias pessoas com doutoramento da UC. Coimbra também possibilitava frequentar o Conservatório, algo mais difícil no Porto ou Lisboa (entrar). Não gostava da cidade de Aveiro.

Estudantes nas residências universitárias (não bolseiros)

- Estudante na Residência Universitária (EI): veio do Brasil, o orientador de mestrado tinha uma grande ligação com o CES. Prestígio da UC.
- Estudante de residência 2: do Algarve (a 495km de Coimbra).

Estudantes com necessidades educativas especiais

- Estudante com NEE 1: é de uma cidade pertencente ao distrito de Santarém (a 80 km de Coimbra). O irmão mais velho tinha estudado na UC, pelo que era o caminho “natural”, por “influência”. Os colegas foram para Lisboa, mas ele sempre quis Coimbra. Primeira opção. Teve o acidente quando já estava na UC.
- Estudante com NEE 2: vive num concelho limítrofe (a 40km de Coimbra). Vai e ver todos os dias para vir às aulas. Não tem carta de condução e depende de familiares e vizinhos para poder vir às aulas. Não tem possibilidade de usar transportes públicos nem condições económicas e psicossociais para viver em Coimbra (tem limitações ao nível das AVD, pelo que não pode viver sozinho). Veio para a UC pelo fascínio histórico que tem pela universidade e pelas personalidades que aqui estudaram. Para além disso era a única universidade que tinha o curso que queria. Foi uma decisão que também teve em conta a logística familiar que seria necessário mobilizar para que este conseguisse frequentar as aulas e, simultaneamente, ter apoio familiar próximo.

Estudantes com bolsa de estudo

- Estudante bolseiro: de Coimbra. Entrou com 18 anos. Vive com a avó em Coimbra. Escolheu a UC por questões económicas e pessoais.

Trabalhadores/estudantes

- Trabalhador-estudante: vive num concelho limítrofe (a 20km de Coimbra), mas trabalha em Coimbra. Já é licenciada e veio tirar outra licenciatura por motivos de desenvolvimento social e interesse no curso.

Estudantes/atletas e atletas de alta competição

- Estudante-Atleta 1: de vila pertencente ao distrito de Coimbra (a 15km de Coimbra). Sempre soube que vinha para a UC. O irmão já tinha estudado na UC. Percurso natural.
- Estudante-Atleta 2: de Setúbal (a 240km). Já viveu em Montemor-o-Velho, perto do Centro de Alto Rendimento e atualmente vive em Coimbra.

Estudantes regulares nacionais (sem qualquer estatuto especial)

- Estudante da FCTUC: de cidade em distrito limítrofe a Coimbra (a 23km de Coimbra). Os pais sempre trabalharam em Coimbra. O curso que queria havia cá. Percurso natural.
- Estudante da FDUC: da Serra da Estrela (a 100km de Coimbra): sempre soube que não se iria adaptar a uma grande cidade, por isso escolheu Coimbra. O custo de vida também pesou muito. A UC era prestigiada. Está no curso de Administração. Inicialmente pensou em Direito, mas por conselho dos familiares, acabou por ir para Administração, já que lhe traria mais oportunidades de trabalho, já que Direito está “saturado”.
- Estudante da FEUC: de Lisboa (a 210 km de Coimbra). Escolheu o curso e numa das opções ficou na UC. Veio para Coimbra por grande influência de familiar que tinha estudado cá e vivido numa república. Foi diretamente viver para a república onde o familiar viveu.
- Estudante da FLUC: da Serra da Estrela (a 120km). Vive em Coimbra.
- Estudante da FCDEFUC: de cidade do distrito de Aveiro (a 62 km de Coimbra). Não fazia questão de ir para a universidade, mas a mãe estudou cá quis que ele viesse para cá. Inicialmente entrou na FCTUC, mas não se identificou com o curso e teve mau aproveitamento. Mudou para a FCDEFUC porque sempre praticou desporto. Ainda assim teve dificuldade em perceber o que iria fazer com o curso em termos profissionais, o que

afetou a sua motivação e desempenho académico. A ligação com o mercado de trabalho é muito importante para a sua motivação. Entretanto, durante a pandemia, descobriu uma modalidade desportiva recente e inovadora que lhe deu a direção e motivação que precisava para terminar o curso.

Roteiro dos grupos focais

Grupos focais

Conforme foi referido, os grupos focais tinham a duração média de três horas e estavam divididos em cinco partes que abordavam diversos aspetos relacionados com os diferentes estágios do percurso dos estudantes na UC.

1. Apresentação

2. Acolhimento

- Acesso à informação (sobre a UC)
- Obstáculos/ dificuldades
- Aspetos positivos
- Fontes de suporte
- Recomendações para a UC

3. Estudar na UC: a estadia

Aspetos negativos/a melhorar, aspetos positivos e recomendações ao nível:

- Métodos pedagógicos;
- Avaliação;
- Relação pedagógica;
- Relação com os pares;
- Ligação ao mercado;
- Soft skills/ voluntariado;

- Serviços e atividades da UC;
- Cidade;
- Outros.

4. Sucesso?

- O que é o sucesso?
- Fatores determinantes de sucesso e insucesso
- Recomendações para a UC

5. Terminei o curso: e agora?

- O que aprendi na UC/ de que modo a UC ajudou a minha formação?
- Expectativas e receios
- Empregabilidade/ saídas profissionais
- Recomendações para a UC

As sessões foram pensadas de forma a abordar os principais desafios/dificuldades e fontes de suporte que os estudantes sentiram durante o seu percurso na universidade.

Os estudantes foram estimulados a pronunciar-se sobre várias dimensões, sendo que durante a sessão tiveram liberdade para abordar os aspetos que consideravam mais relevantes.

Roda de conversa

A roda de conversa teve a duração aproximada de 3 horas e focou aspetos ligados à área pedagógica.

1. Apresentação

- Breve apresentação dos objetivos da roda de conversa, da Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento do Conselho Geral e da Provedoria do Estudante da Universidade de Coimbra.

- Informar que a roda de conversa será gravada e que serve apenas para a investigadora rever o que foi dito e fazer um relatório (consentimento tácito).
- Qualquer informação que possa levar à identificação do participante será anonimizada.
- Se alguém se opuser à gravação, pedir que passe para um local da sala que não seja captado pela câmara e, quando e se quiser falar, pausar a gravação.

2. Inovação pedagógica no ensino e na avaliação

- Principais problemas e recomendações

3. Impacto a inovação pedagógica no ensino e na avaliação ao nível:

- Assiduidade
- Desenvolvimento de soft skills
- Empregabilidade

Resultados

Tanto os grupos focais como a roda de conversa foram muito ricos e deram-nos muita informação relevante.

Por ser impossível apresentar tudo no evento “Melhor Ensino, Mais Universidade” e porque nos foi pedido que nos focássemos mais em questões pedagógicas, os resultados destacaram aspetos relacionados com a pedagogia, a avaliação e a ligação dos cursos ao mercado de trabalho.

Durante a apresentação passámos a palavra a alguns estudantes e seus representantes numa lógica de “testemunhos de viva voz”.

Acolhimento

Sobre a etapa do acolhimento foram abordados os seguintes aspetos: acesso à informação, obstáculos/dificuldades, aspetos positivos a destacar, fontes de suporte e recomendações.

Quanto ao acesso à informação, os estudantes notam que a UC tem investido em formas de comunicação mais visuais, recorrendo, por exemplo, a vídeos explicativos. Esta aposta é vista com bons olhos já que torna a informação mais apelativa e facilmente compreensível.

Na época das matrículas, o novo espaço “StudentHub” foi elogiado pela infraestrutura e pela forma como foi organizado o itinerário. Os estudantes passam nos vários postos de informação e acedem a informação importante. A colocação de um autocarro dos SMTUC à porta do “StudentHub” também mereceu elogios. Neste autocarro os estudantes podiam fazer o passe mensal e obter informação sobre os percursos.

Não obstante, os estudantes sentem que não acedem facilmente a muita informação importante. Os estudantes reportam um desconhecimento generalizado sobre os diferentes órgãos, serviços, apoios da UC.

Entre os exemplos dados: um estudante que está atualmente nas residências universitárias (RU), só soube que existiam um semestre depois de estar na UC; o PE, um órgão tão importante na defesa dos interesses e direitos legítimos dos estudantes, é desconhecido pela generalidade do corpo discente.

“Só soube da existência do Provedor no 3º ano do mestrado – quando precisei. Quem conhece o Provedor do Estudante são estudantes geralmente ligados a estruturas associativas. Não o estudante regular.”

A questão da desinformação nos serviços académicos é igualmente um grave problema identificado. É referido que os estudantes de outras zonas do país ligam para os serviços e recebem informação contraditória e que não há ninguém disponível para esclarecer, orientar e aconselhar de forma próxima. Esta desinformação passa a impressão de grande desorganização nos serviços da UC.

Quanto aos estudantes internacionais (EI), é referido que o acesso à informação é ainda mais dificultado. Muitos chegam a Coimbra sem saber onde estão localizados os serviços.

Finalmente, o período pandémico também colocou mais obstáculos à integração dos estudantes com NEE, que por si já é desafiante. Um estudante refere que foi

mais difícil articular com os serviços da UC para definir os apoios necessários atempadamente.

Quanto às dificuldades sentidas pelos estudantes durante a fase de acolhimento, os EI e os estudantes deslocados sentem as “dores de crescimento” de forma mais intensa.

Os EI enfrentam diversos obstáculos: chegam mais tarde por causa de dificuldades na articulação com o SEF e a documentação exigida e por causa disso perdem um semestre inteiro de aulas, apesar de já estarem a pagar as propinas. Um estudante do 3º ciclo, por causa dos atrasos no SEF e a necessidade de fazer a reserva do alojamento, teve de pagar a caução duas vezes. Neste caso os SASUC não devolveram a caução duplicada, apesar da culpa não ser do estudante, mas do SEF. Relacionado, mas distinto, é destacado que as modalidades de pagamento das propinas para os EI também deviam ser revistas, sendo que a UC deveria contemplar uma forma de pagamento que funcionasse a nível internacional. Finalmente, é referido que os colegas nacionais, quando em maioria nas RU, não são muito acolhedores/ recetivos aos EI. Este estudante diz que os estudantes tendem a “guetizar-se” em nacionais e não nacionais.

Quanto aos estudantes deslocados, a mudança abrupta de cidade, conjugada com a falta de orientação sobre a cidade, a universidade, os serviços existentes ao serviço dos estudantes e a dificuldade em encontrar casa, causa grande desorientação. Esta situação foi destacada como algo que pode levar ao abandono escolar.

Para os estudantes que não são de Coimbra é muito difícil perceber o funcionamento dos transportes públicos, já que o sistema não é intuitivo. Um estudante da FLUC também refere que na altura das matriculas sentiu que “caiu de paraquedas” porque não conhecia ninguém do curso nem da cidade para o orientar. Refere ter ficado num computador sozinho e gostaria de ter tido alguém do curso que o orientasse para saber em que unidades curriculares se deveria inscrever.

Os trabalhadores-estudantes também são um público que também se confronta com mais obstáculos. Um deles é a grande digitalização da maioria dos processos.

Acresce que a existência de duas plataformas é muito confusa – no entanto, este é um problema apontado pela generalidade dos estudantes.

Os estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE) estão igualmente mais expostos a dificuldades. Um dos estudantes com NEE relatou-nos que no primeiro ano, numa unidade curricular de iniciação, o docente recusou-se a aceitar estudantes com NEE. Esta situação levou a que o estudante tivesse que se inscrever numa unidade curricular de especialização quase no final do semestre, tendo de ir avaliação final de recurso. Este estudante também sente que os serviços, funcionários e docentes têm pouca experiência e/ou formação para lidar com estudantes com NEE.

Quanto aos estudantes que são os primeiros da família a ir para a universidade, a adaptação inicial também pode ser mais difícil. Um desses estudantes relata-nos sentimentos de ansiedade relativamente à praxe (que é mais comum para quem é naturalmente tímido), ao facto do seu curso ter muitos estudantes e o receio de não estar “à altura” do desafio.

Quanto aos restantes estudantes, de uma forma geral, tal como já foi referido a propósito do acesso à informação, há um desconhecimento generalizado sobre os serviços de apoio aos estudantes (ex. Provedoria, bolsas, PASEP) já que a informação não chega pelos canais institucionais. Os estudantes acabam por saber por colegas ao longo do tempo e/ou a muito custo. É referido que quando os estudantes são jovens, têm dificuldade em encontrar a informação sozinhos no website porque têm de saber o que procurar.

No que concerne à Praxe, as opiniões dividem-se. Uns não se identificam e outros sentem que foi onde fizeram as amizades mais fortes. Em comum os estudantes reconhecem que a Praxe permite conhecer colegas mais velhos do curso que orientam os estudantes recém-chegados (onde são as salas, funcionamento do curso, professores, etc.), o que facilita a integração.

No entanto, nem tudo é negativo e os estudantes destacam aspetos positivos e fontes de suporte importantes.

Como aspeto positivo, é referida a cidade de Coimbra, que é mais barata em comparação com Lisboa ou Porto, é mais calma e oferece uma maior qualidade de vida aos estudantes. O preço de alguns emolumentos é mais barato que

noutras universidades. Um exemplo: na UC os estudantes não pagam para ir a época de recurso, o que não acontece nas outras universidades (e.g., NOVA de Lisboa).

Na FEUC é destacada a relação próxima com docentes e funcionários, que facilita o acesso a informação, sendo uma importante fonte de apoio. Um estudante enfatiza o ambiente quase “familiar” da FEUC, talvez pela sua pequena dimensão, o que facilita a socialização.

Quanto aos estudantes-atletas, o Gabinete do Desporto da AAC é bastante elogiado, funcionando como um importante apoio em todas as questões relevantes para estes estudantes, desde bolsas, apoios, etc. É referido que são muito céleres na atribuição do estatuto e na resolução de problemas apresentados pelos estudantes (a todos os níveis). Um dos participantes refere que os colegas que também têm estatuto de atleta-estudante, por uma questão de afinidade, acabam por se tornar mais importantes que os colegas do curso, sendo uma importante fonte de suporte.

Quanto aos EI, na FEUC, é elogiado o acolhimento que é realizado separadamente para os estudantes internacionais que vêm dos Bordéus. Este tratamento diferenciado faz com que estes se sintam apoiados de forma próxima pela faculdade.

Um EI do 3º ciclo também elogiou o apoio dos SASUC, destacando ter sido bem-recebido e acolhido nos serviços de alojamento universitário. Este EI destaca os demais colegas internacionais da RU bem como os funcionários, delegados de ala e monitores como importante apoio, tornando o ambiente “familiar”. Um estudante com NEE também elogia os colegas da RU RAJA e o assistente social dos SASUC pelo suporte e acompanhamento próximo.

As Repúblicas são caracterizadas “famílias” que têm um papel tão importante quanto os conhecimentos aprendidos no curso. Estas “famílias” são fonte de desenvolvimento pessoal e suporte emocional. A RU Raja também é bastante elogiada pelo apoio que dá a um estudante com dificuldades motoras. Um dos estudantes diz que as RU podem não ter as mesmas condições que uma casa particular, no entanto, o espírito de entreatajuda compensa. Este convívio desempenha um papel muito importante na integração dos novos estudantes.

Acresce que dão a oportunidade de conviver diariamente com outras culturas e nacionalidades, estimulando uma cultura intercultural.

De facto, a casa deve ser fonte de segurança, proteção e apoio. Daí que seja um aspeto muito enfatizado pelos estudantes deslocados. As amizades desenvolvidas nesse contexto assumem grande importância no percurso dos estudantes. Um dos estudantes chegou a viver com colegas do mesmo curso/faculdade e isso é destacado como algo muito positivo que contribui para a integração inicial.

Um trabalhador-estudante também destacou o apoio dos colegas do curso na disponibilização de apontamentos e flexibilidade na marcação de reuniões para os trabalhos de grupo.

A família é naturalmente fonte de grande suporte durante esta fase inicial. Quando os estudantes deslocados têm familiares que já estudaram na UC ou têm familiares a viver em Coimbra, a informação sobre a cidade e a UC é maior e isso ajuda a ultrapassar receios e dificuldades como encontrar casa ou no momento da inscrição. A existência de família que já frequentou o ensino superior reduz a ansiedade.

Finalmente, a participação nos núcleos associativos é enfatizada pelo seu importante papel no desenvolvimento de competências e abertura de horizontes, já que possibilita o contacto com muitas pessoas.

Quanto às **recomendações**, ao nível dos estudantes com NEE, os estudantes defendem que deveria existir uma maior articulação entre as Unidades Orgânicas (UO), os coordenadores de curso e o gabinete de apoio a estudantes com NEE para sinalizar os estatutos e definir as medidas de apoio ao estudante em tempo útil. É referido que o processo de reconhecimento dos relatórios médicos é moroso, o que atrasa a aplicação das medidas de apoio. Em alguns casos a exigência de comprovar a situação com relatório médico não faz sentido, pelo que poderia ser exigida apenas no primeiro ano. Este atraso coloca os estudantes com NEE numa posição de dupla desvantagem, prejudicando sistematicamente a sua aprendizagem no início de cada ano.

Um estudante recomenda a aposta na formação de docentes sobre NEE (incluindo sobre o estatuto em si). É referido que os docentes exigem estudantes padronizados quando a UC é tão diversa. O estudante refere que alguns docentes revelam falta de sensibilidade e que a UC deveria fomentar uma pedagogia que valorize a diferença.

É igualmente recomendado a atribuição imediata de um tutor para orientar estudantes com NEE na universidade, informar sobre o seu funcionamento, etc. Um dos estudantes sugere a possibilidade de ter aulas por zoom para estudantes com NEE que não vivam em Coimbra e tenham outras comorbilidades associadas.

Quanto aos estudantes-atletas, estes também recomendam um maior esclarecimento dos docentes sobre os diversos estatutos na UC. Um estudante-atleta sente alguma discriminação dos docentes, como se estes estudantes não estivessem tão empenhados/comprometidos com o curso como os outros estudantes.

Quanto ao desconhecimento dos estudantes sobre os serviços e atividades da UC, estes recomendam um conjunto de medidas:

- Maior aposta da UC em redes sociais como o Instagram;
- Apresentar a figura do Provedor do Estudante nas sessões de acolhimento dos cursos. Explicar em que situações se pode recorrer e porquê;
- Colocar no kit dos caloiros um QRcode que encaminhe para estruturas e órgãos importantes;
- Enviar um guia em PDF por email sobre os apoios, serviços, órgãos, ...). A UC não deve esperar que os estudantes procurem a informação autonomamente. A maioria não tem essa maturidade. É necessária mais propaganda;
- Fazer “mapa mental” dos órgãos e serviços da UC. Na opinião dos estudantes há uma grande dispersão dos serviços (ex.: NIA está dispenso por tipo de necessidade) e é muito confuso navegar na lógica organizacional da UC;
- Ter as entidades e órgãos importantes presentes nas sessões de acolhimento aos novos estudantes (Provedor do estudante, estruturas

estudantis, centros de investigação). Por exemplo, para os EI, a APEB, Centros de investigação (CEBER, CES). [O PE já vai];

- A UC devia enviar para os núcleos informação sobre os serviços, apoios, órgãos e atividades para estes divulgarem nas suas redes sociais. O facto de essa iniciativa partir da UC é muito importante. Para além da demonstração de vontade de colaboração mais estreita, a UC conhece melhor os timings (fase de candidatura, etc.);
- Repensar a dinâmica de comunicação na UC. Cada departamento devia ter alguém ligado à imagem que promovesse as redes sociais e as próprias páginas. Maior presença nas redes sociais. Adotar uma lógica como uma empresa que tem um produto para vender e tem de ter lucro (neste caso, atingir x visualizações/ partilhas).

No que concerne à articulação dos EI com o Serviço de Estrangeiro e Fronteiras (SEF), é sugerida a criação de uma via rápida para estes estudantes ou de vistos prioritários. Para tal seria necessário criar um protocolo entre a UC e o SEF. Acresce que, para os EI que não conseguem vir para Portugal por causa de atrasos nos vistos, para que estes não percam aulas, é sugerido que estes possam assistir às aulas de forma remota. No entender dos estudantes esta seria uma opção legítima já que estes estudantes estão a pagar propinas e a responsabilidade não lhes pode ser imputada. Estes estudantes chegam em diferentes momentos, por vezes em novembro – o que dificulta ainda mais a sua integração.

A UC tem de ter uma atitude preventiva relativamente aos EI e estrangeiros porque estes vão passar mais dificuldades e terão de recorrer a vários serviços. São estudantes que não têm uma rede de suporte no país e por isso devem ter acesso a informação clara à priori sobre as várias estruturas e órgãos de apoio.

É reclamada uma maior articulação entre a Divisão de Relações Internacionais (DRI) e a AAC para cruzar informação e para dar mais apoio aos EI e estrangeiros porque a AAC não sabe quantos estudantes estrangeiros/internacionais existem na UC e seria importante, por exemplo, atribuir imediatamente um tutor, divulgar apoios (ex. cursos de português da FLUC). O choque cultural é por vezes muito grande e por isso é necessário atuar de forma articulada e preventiva.

Também foi sugerida a criação de grupos de apoio da mesma nacionalidade para que possa existir um canal de comunicação informal onde os EI se sintam mais apoiados e acompanhados (ex. grupo WhatsApp).

Outra medida importante a adotar seria a criação de cursos de preparação, por exemplo, com a duração de 1 mês para nivelar os conhecimentos de base necessários para o curso onde estão inscritos. Não raras vezes estes estudantes andam anos para conseguir fazer uma UC. O programa NEXT revela essa lacuna, especialmente entre os estudantes dos PALOP e Brasil. Esta é uma medida de prevenção do abandono escolar. De destacar que estes cursos já existem na Arquitetura.

A este propósito, deveria ser criado um protocolo para sinalizar rapidamente situações de absentismo escolar, suspeitas de problemas psicológicos/psiquiátricos, que podem levar ao abandono escolar. Especialmente no 1º ciclo, assim que um estudante começasse a faltar, o docente devia informar o coordenador do curso para perceber o que se passa com o estudante e apoiá-lo da forma mais rápida possível. Apesar de ser difícil atuar em casos de doença mental, já que não raras vezes existe resistência, seria importante existir uma figura próxima de referência para todos os estudantes do 1º ciclo. Essa figura poderia ser o coordenador do curso, que deve dar aulas à turma.

Quanto à dificuldade em encontrar casa para os estudantes deslocados, é recomendado que seja criada uma plataforma com uma listagem de quartos e senhorios de confiança. A UC podia ser intermediária entre os senhorios e os estudantes. A AAC já tentou isso, com certificados, no entanto, tem-se deparado com alguns constrangimentos.

Estudar na UC: a estadia

Quanto à estadia na UC, foram abordadas as seguintes dimensões: área pedagógica e plano de estudos, avaliação, ligação dos cursos ao mercado de trabalho, soft skills, serviços da UC, relação com os pares, a cidade e outros aspetos relevantes.

Área pedagógica

No que concerne à área pedagógica, os estudantes identificam um desequilíbrio entre teoria e prática nos planos de estudo dos cursos. A fraca componente prática dos cursos foi um aspeto nomeado pelos estudantes da FCTUC, mas também pelos de economia e ciências do desporto. A título de exemplo, um estudante da FCTUC que esteve em ERASMUS em Itália, refere que o curso tem uma maior componente prática, o que se traduziu numa maior aprendizagem.

Na engenharia informática também encontramos quem defenda que tem um plano curricular desequilibrado entre o conteúdo teórico e prático. O curso é percecionado como demasiado teórico em comparação com outras universidades (e.g., Aveiro, Minho). Acresce que, sendo uma área que está em constante atualização e a acontecer inovações, os estudantes reclamam uma maior preparação para trabalhar nessas inovações. Na opinião de alguns estudantes das engenharias, as aulas teóricas acabam por se tornar redundantes já que as aulas práticas permitem aprender os conhecimentos teóricos e ao colocar em prática a teoria, aprendem mais facilmente.

Outro problema identificado na FCTEUC é que “na teoria” os estudantes podem escolher as unidades curriculares de opção livremente, no entanto a maior parte está sobreposta, logo não são verdadeiramente opções.

Outro aspeto identificado por alguns estudantes é a falta de investimento em competências pedagógicas por parte dos docentes e da universidade. Esta desvalorização está traduzida na avaliação dos docentes para a progressão de carreira que valoriza mais a investigação que a docência.

A desmotivação para a docência é igualmente referida. Ser docente universitário implica o desempenho de vários papéis – gestor, professor, investigador. Todos eles com um alto grau de exigência. Alguns estudantes disseram-nos que percebem quando o docente não está motivado ou valoriza a docência. Por exemplo, quando o docente não se mostra incomodado face à fraca adesão às suas aulas, este desinteresse vai trazer ainda mais absentismo. Acresce que alguns docentes tendem a atribuir a culpa somente aos estudantes, não questionando o que poderiam fazer para melhorar a assiduidade às suas aulas. Nestes casos é referido que a mentalidade mais comum é que os estudantes têm de ir às aulas porque é essa a sua obrigação.

Apesar de não linear, o docente deve ser capaz de estabelecer uma relação de compromisso recíproco de respeito mútuo. A mentalidade referida não se coaduna em dar aulas sem qualquer preocupação pedagógica.

Um estudante do 1º ano refere que a única forma que encontrou para compreender a matéria foi passar um dia inteiro a ver vídeos do Youtube, já que não conseguia perceber a matéria nas aulas.

A propósito do absentismo, a forma expositiva é criticada pelos estudantes que referem que, em alguns casos, aprendem o conteúdo de uma aula teórica numa hora com um vídeo do Youtube de 20mn. Acresce que o vídeo tem a vantagem de estar sempre acessível.

De uma forma geral, no caso das engenharias, a fraca adesão dos estudantes às aulas teóricas é transversal. Os estudantes justificam este fenómeno argumentando que sentem que aprendem mais nas aulas práticas com exercícios. É dado o seguinte exemplo: numa aula teórica de Arquitetura estavam poucos estudantes e o docente optou por uma aula fórum. Criou grupos em que cada grupo lia um artigo e depois tinham de discutir na aula sobre o que leram. Os estudantes disseram que essa aula foi muito mais interessante que todas as aulas teóricas que o docente tinha dado até à data.

Para além da questão da dinâmica teórico-prática, os estudantes dizem querer sentir-se inspirados e entusiasmados nas aulas e isso só é possível se o docente também tiver entusiasmo pelo ensino. Assim, vemos a importância de envolver os estudantes nas aulas enquanto participantes ativos na co-construção do conhecimento.

A inovação pedagógica está intimamente relacionada com este aspeto, já que é uma consequência da preocupação do docente em tornar as suas aulas mais dinâmicas.

Sobre este tema, estudantes da FCTUC destacam que a tecnologia é um meio e que o mais importante é encontrar a melhor forma de transmitir o conhecimento. Isto significa que o uso da tecnologia nas aulas, por si, não é sinónimo de inovação pedagógica. É necessário que o docente defina os objetivos pedagógicos que quer atingir e que ferramentas irá utilizar para os atingir.

A este propósito, os estudantes referem que alguns docentes são mais resistentes em usar os recursos da plataforma da UCStudent porque têm algumas dificuldades e desconhecimento. Receios como disponibilizar vídeos do Youtube na plataforma por causa dos direitos de autor, segurança na internet, etc. Este exemplo foi dado na Engenharia do Ambiente.

Questionados sobre o que são, na sua perspetiva, más práticas pedagógicas, estes deram alguns exemplos:

- A não disponibilização dos PPTs. Os estudantes consideram os PPTs bibliografia trabalhada que ajuda muito no estudo, especialmente quando a bibliografia recomendada é muito extensa;
- A sobrecarga dos estudantes com bibliografia que diz o mesmo. Os estudantes da FLUC afirmam que é impossível ler tudo. Este aspeto remete para a falta de coordenação entre docentes do curso. O desconhecimento do tempo que envolve um ECTS pode ser uma explicação. Esta conjuntura leva à sobrecarga dos estudantes, o que não é pedagógico e pode levar a consequências como o plágio, fraude e a tendência para memorizar para os exames;
- Num caso (FEUC) o método pedagógico de um docente passa pela leitura do livro recomendado para a unidade curricular. Previsivelmente, a assiduidade nessa aula é baixa;
- Divagar e falar de temas que em nada estão relacionados com a matéria da unidade curricular também é apontada como má prática pedagógica que desmotiva os estudantes;
- Um docente não seleciona bibliografia de apoio adequada, o que se traduz em dificuldades em compreender a matéria. Neste caso os estudantes utilizam autonomamente outra bibliografia de apoio. Estas são estratégias que vão passando de ano para ano entre estudantes.

Outro aspeto que pode levar a más práticas pedagógicas é a ausência de regulamentação ao nível do 3º ciclo. Para explicar esta situação foi dada a palavra ao Luís Silva do NEDUC que fez uma intervenção sobre a alta taxa de abandono no 3º ciclo e como esse aspeto pode estar relacionado com a ausência de regulamentação da relação estabelecida entre orientador e orientando (número

de reuniões, etc.), do número excessivo de orientandos que os docentes têm, não conseguindo acompanhar devidamente cada um deles, entre outros.

Alguns estudantes de medicina destacam a filosofia de ensino ultrapassada, caracterizando-a como “pré-internet”. Atribuem esta situação à prática de contratar docentes que se formaram na UC e que replicam os mesmos métodos pedagógicos. Se por um lado o facto da UC priorizar os docentes da “casa” tem a vantagem de fortalecer o espírito académico da universidade, por outro, perpetua métodos de ensino e de avaliação, dificultando a entrada de novos olhares e práticas pedagógicas.

No que concerne aos estudantes com determinados estatutos, alguns são vistos como menos empenhados. É o caso de um estudante-atleta relata-nos que sente que os docentes o colocam em segundo plano porque pensam que, para ele, o curso é secundário face à carreira desportiva.

Sobre o estatuto de estudante com NEE passámos a palavra ao Diogo Nolasco.

Este estudante discorreu sobre algumas das questões relacionadas com as necessidades educativas especiais, nomeadamente no que concerne ao desconhecimento, por parte dos docentes, relativamente aos regulamentos e às medidas a serem implementadas e a falta de formação e de conhecimento relativamente ao assunto. Apontou algumas medidas que poderiam ser tomadas no sentido de contribuir para um maior conhecimento relativamente a estes tópicos bem como a uma maior intercooperação entre os vários organismos da sociedade académica com vista a uma melhor integração dos alunos e a uma intervenção mais célere de modo a ajudá-los nas suas dificuldades.

A este propósito, é referido que o apoio aos estudantes com NEE podia ser melhorado. Em algumas UO existe uma fraca articulação entre Conselho Pedagógico e Gabinete de Apoio ao Estudante com NEE. Esta situação pode dever-se à dimensão da faculdade e a e capacidade do Conselho Pedagógico em dar resposta ao volume de trabalho. A comparação entre a FCTUC e as restantes faculdades é paradigmático.

Quanto ao plano de estudos, alguns estudantes consideram que têm uma elevada carga horária. É referido que ficam sem tempo para estudar e dedicar-se a outras atividades extracurriculares, especialmente no 1º ciclo, o que dificulta a participação em outras atividades relevantes da vida académica como o associativismo. Alguns referem que evitam participar nessas atividades no 1º ciclo porque têm medo de prejudicar o seu rendimento académico.

Finalmente, o calendário letivo da FDUC, que é diferente de todas as outras faculdades. É referido que esta diferença se traduz na necessidade de os docentes darem muita matéria em pouco tempo, o que prejudica o processo de aprendizagem. Acresce que na FDUC anunciam o começo das aulas tardiamente, o que prejudica os estudantes a vários níveis (e.g., economicamente: viagens de avião compradas tardiamente e que, por isso, ficam muito caras, entre outros).

Os estudantes, ao longo das sessões foram desafiados a formularem **recomendações**.

Relativamente ao desequilíbrio entre teoria e prática nos planos curriculares dos cursos, os estudantes recomendam mais aulas laboratoriais.

Para explicar esta recomendação foi dada a palavra ao Eduardo Rodrigues do Núcleo de Engenharia Mecânica:

“Os estudantes precisam de colocar em prática os cálculos que fazem nas aulas teóricas. Essa sensibilidade prática é essencial e é o que mais sentem falta. Os cálculos podem parecer corretos na teoria, no entanto, depois, na prática pode ser necessário fazer ajustes aos cálculos.

Neste sentido, os estudantes de engenharia mecânica propõem mais aulas laboratoriais no curso porque aprender os conceitos teóricos sem os colocar em prática não é suficiente.”

Outra recomendação foi a gravação das aulas teóricas, que nos remete para a pedagogia da sala de aula invertida. Neste caso foi dada a palavra ao João Pino, do Núcleo de Informática:

“Face à fraca dinâmica das aulas teóricas, as aulas podiam ser gravadas e disponibilização aos estudantes. Algo que foi feito na altura da pandemia e que se revelou interessante.

Apenas as aulas práticas deviam ser presenciais e que nessas aulas deviam ser aplicados os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas gravadas.

Neste sentido, devia haver um maior investimento em metodologias “hands on” e metodologias de aprendizagem ativas como as salas de aula invertidas.”

Os estudantes também recomendam que os docentes ensinem conteúdos que o mercado procura. Para explicar esta recomendação passámos a palavra ao João Pino, do Núcleo de Informática:

“A área da Engenharia informática está em constante evolução. Neste sentido, os docentes devem estar atentos e ensinar conteúdos que o mercado procura.

Há estudantes que não querem fazer o mestrado e que isso não deveria ser razão para que a sua formação não seja competitiva e procurada no mercado de trabalho. A universidade devia acautelar que os estudantes recém-licenciados estão prontos para o mercado de trabalho.”

Quanto à falta de investimento nas competências pedagógicas dos docentes, foi sugerida alterações à avaliação dos docentes. Neste caso, foi dada a palavra ao Daniel Aragão:

“A avaliação dos docentes devia ser alterada, já que o atual sistema confere um fraco reconhecimento à docência. A componente da docência deveria ter mais peso em termos de progressão de carreira e avaliação. Recomendamos que a investigação não pese 80%, mas sim 50%, sendo que 20% deveria ser alocado à inovação pedagógica.”

Para tornar as aulas mais interativas, os estudantes sugerem que os docentes utilizem mais recursos digitais. Sobre este aspeto passámos a palavra à Daniela Neto:

“Os docentes devem abandonar o método expositivo, tornar o ensino mais interativo e apostar em mais recursos digitais.

Por exemplo, adequar o ensino aos interesses dos estudantes - usar vídeos do tiktok ou do Youtube para exemplificar algo e discutir nas aulas.

A utilização de exemplos atuais para discutir as matérias é importante, para criar maior ligação à realidade dos estudantes.

Os docentes devem estimular o diálogo na sala de aula através, por exemplo, do uso de tribunais de opinião. Estes métodos fortalecem amizades na turma e mantêm os estudantes atentos e motivados.”

Na Arquitetura os estudantes defendem que o fomento da discussão e interação nas aulas teóricas não só teria impacto na assiduidade, como teria efeitos importantes no processo de aprendizagem.

Quanto aos recursos digitais, os estudantes nomeiam ferramentas como o Kahoot! para motivar os estudantes a irem às aulas teóricas.

Os estudantes recomendam que os docentes mais resistentes à utilização dos recursos da plataforma UCStudent tenham apoio técnico próximo para os ajudar a ultrapassar dificuldades e a desmistificar dúvidas.

Para além disso, os estudantes defendem que deve ser priorizada a formação pedagógica dos docentes e consequente valorização dessa formação na sua avaliação.

Quanto aos estudantes com estatutos na UC, um estudante com NEE defende que os docentes devam capitalizar sobre a diversidade dos estudantes. Numa universidade multicultural os docentes devam valorizar as diferentes

especificidades, contextos e estatutos dos estudantes. Seguir um ensino padronizado não é estimulante ou desejável.

Foi igualmente sugerido que a UC promova workshops para sensibilizar docentes sobre as diversas problemáticas associadas às NEE e forneça estratégias para que estes consigam lidar e ensinar estes estudantes.

Em faculdades maiores, como a FCTUC, poderiam ser realizadas reuniões periódicas entre o Conselho Pedagógico com o Gabinete de Apoio a estudantes com NEE para definir atempadamente as medidas de apoio e articular com os docentes dos cursos.

Quanto ao plano de estudos, os estudantes reclamam uma maior dinâmica teórico-prática nos cursos.

A recomendação vem do curso de economia que defende que todas as unidades curriculares devem ser teórico-práticas.

No curso de medicina também é reivindicada uma profunda reforma curricular, onde seja claramente definido o que são aulas teóricas, práticas e teórico-práticas e haja um maior equilíbrio entre elas. Defendem a revisão dos conteúdos programáticos, do método de ensino e da aprendizagem e uma maior articulação entre as regências das várias unidades curriculares para partilhar entre si métodos de ensino.

Na área das engenharias, os estudantes têm alguma dificuldade em compreender a divisão entre teoria e prática e sentem-se mais motivados nas aulas práticas. Neste contexto, estes estudantes referem que seria importante fazer uma reformulação curricular e redefinir a dinâmica das aulas teórico práticas.

Alguns estudantes de medicina referem que devia haver uma maior aposta na formação de docentes em simulação médica. Para explicar esta recomendação passámos a palavra ao Guilherme Lindeza (Presidente do Núcleo de Estudantes de Medicina):

“Nas melhores universidades de medicina existe uma grande aposta na simulação médica. O que não acontece na UC.

Este investimento é uma forma de superar a falta de docentes, instalações e o rácio entre estudante-doente. Existem salas de simulação no polo 3, no entanto faltam docentes com formação na área para poderem ensinar os estudantes.

O nº de estudantes tem vindo a aumentar a cada ano, no entanto, as condições continuam inalteradas. Nas aulas práticas existem 14 estudantes para 1 doente, o que levanta questões éticas.”

Alguns estudantes de Biologia recomendam a criação de unidades curriculares em neurociências e bioética para a licenciatura em Biologia. Para explicar esta sugestão, passámos a palavra a Mariana Pedrosa (Núcleo de Biologia):

“Face à elevada procura e interesse dos estudantes (relevância e qualidade da investigação) pela área das neurociências e bioética, deviam ser criadas unidades curriculares de opção nessas áreas para a licenciatura em Biologia. Deste modo, os estudantes que quisessem ir para o mestrado nestas áreas iriam mais preparados.”

Os estudantes fizeram outras recomendações que apesar de não estarem diretamente ligadas a aspetos pedagógicos ou de avaliação, são aspetos que valem a pena destacar.

- Cursos de inglês da FLUC gratuitos: os estudantes defendem que os cursos da FLUC de inglês deveriam ser gratuitos ou ter preços especiais para os estudantes do 1º ciclo da UC. Acresce que esses cursos deviam ser promovidos pelos docentes junto dos estudantes com mais dificuldades a esse nível. A AAC também deveria promover esses cursos de forma mais sistemática junto dos estudantes;
- Plataforma AMBOSS gratuita: a Plataforma AMBOSS é muito importante no curso de medicina, especialmente a partir do 3º ano. No entanto, é bastante onerosa. Os estudantes defendem que a UC deveria assegurar o acesso gratuito aos estudantes bolseiros através de um protocolo;
- Parceria com editoras medicina (e-books): outro aspeto particular à medicina é o preço dos livros. Estes livros têm imagens de alta resolução e

para alguns estudantes o seu preço é incomportável. Face a este cenário, os estudantes sugerem uma parceria com livrarias para que os estudantes possam ter algum desconto na compra desses livros, aceder em PDF de forma menos onerosa e/ou até disponibilizar as imagens numa plataforma;

- Plataforma única: a propósito de plataformas, a existência de duas plataformas gera grande confusão. Uma para marcar presença, outra para os horários. Os estudantes defendem a existência de uma única plataforma que agregue tudo;
- Facultar PPT: finalmente, os estudantes recomendam que os docentes coloquem os PPTs à disposição. Preferencialmente antes das aulas. Os estudantes consideram os PPTs bibliografia trabalhada que facilita a navegação na bibliografia e a organização do estudo. A disponibilização antecipada dos PPT permite que se preparem para as aulas e, ao poder tirar notas diretamente no PPT, conseguem aprender mais e melhor.

Avaliação

Relativamente à avaliação, os estudantes identificam alguns problemas ligados à calendarização, ao tipo de avaliação, a especificidades associadas aos estatutos especiais e ao não-cumprimento dos regulamentos.

No que concerne à calendarização das avaliações, os estudantes apontaram a época de exames, caracterizada pela concentração das avaliações, como um problema.

Os exames diários foram referidos por estudantes da FCTUC que defendem maior articulação entre os docentes do curso.

A pausa letiva (FEUC) tem sido algo de reflexão por parte dos estudantes de gestão. Para explicar passámos a palavra à Mariana Geraldo (Núcleo de Gestão):

“A pausa letiva em novembro é caracterizada por uma semana em que não existe aulas e é algo específico da FEUC.

Apesar de alguns estudantes verem com muito bons olhos esta pausa, outros consideram que esta semana poderia ser

aproveitada para resolver o problema da concentração dos exames em Gestão. Se as aulas continuassem nessa semana, as avaliações ficariam menos condensadas na época de exames.

Este argumento encontra respaldo no facto de que no 2º semestre do 2º ano em Gestão não há nenhuma unidade curricular com avaliação contínua, apenas exames.”

Como já foi referido, a FDUC tem um calendário letivo diferente de todas as outras faculdades e, naturalmente, o mesmo se aplica ao calendário avaliativo.

Isto significa que a época de exames começa mais tarde, o que traz várias consequências negativas para os estudantes. Alguns exemplos: atrasa a entrada na Ordem, o início da entrada no mercado de trabalho, no estágio, em mestrados e pós-graduações, etc. Esta é uma queixa que se repete todos os anos e que é incompreensível aos olhos dos estudantes.

Por outro lado, a avaliação contínua não está isenta de problemas e alguns estudantes de Relações Internacionais referem que existem demasiados momentos de avaliação contínua. Para tal, passámos a palavra à Érica Moreira (Núcleo de Relações Internacionais):

“Em Relações Internacionais (FEUC) a avaliação é maioritariamente contínua, no entanto, em alguns casos, é caracterizada por demasiados momentos de avaliação. É dado o exemplo em que uma unidade curricular tem 6 momentos de avaliação. Uma vez que as outras unidades curriculares também adotam a avaliação contínua, os estudantes defendem que deveria existir uma maior articulação entre os docentes do curso para não serem tão sobrecarregados.”

Quanto ao tipo de avaliação, os estudantes argumentam que a avaliação por exame aumenta o absentismo. Por sua vez, a avaliação contínua “obriga-os” a ir às aulas.

Conforme tivemos a oportunidade de verificar, o absentismo é algo complexo, no entanto, na opinião dos estudantes, se o curso de economia adotasse a avaliação contínua, isso poderia refletir-se numa maior assiduidade.

Na Arquitetura os estudantes não têm exame final ou época de recurso porque têm unidades curriculares anuais. Para explicar a situação passámos a palavra ao João Jesus (Núcleo de Arquitetura):

“Em 4 unidades curriculares (Arquitetura e Projeto Digital; Desenho; Construção; Projeto) apenas temos um método de avaliação – a avaliação final na época normal. Isto significa que, se não passamos nessa época, não temos época de recurso.

Isto acontece porque estamos a falar de unidades curriculares anuais, em que a avaliação se torna mais desafiante. Por exemplo, a Desenho e APD fazemos um portfólio durante todo o ano e no final é avaliado. No caso de Projeto, igualmente uma unidade curricular anual, não podemos inscrever-nos em dois projetos em simultâneo porque é muito difícil fazer dois projetos num ano. Logo, em caso de reprovação, pode acontecer o estudante ter de se matricular num ano só para fazer projeto.

Os problemas em Arquitetura não ficam por aqui. A avaliação de unidades curriculares teórico-práticas como História e Geometria também apresentam alguns problemas. Em Geometria a parte prática vale 70% e a teórica 30%. Para a parte teórica são realizadas 2 frequências – uma no 1º e outra no 2º semestre. Cada frequência vale 15%. Relativamente à parte prática, ao longo do ano, de forma mensal, fazemos trabalhos e exercícios. Apesar de bem estruturado, este método de avaliação é problemático para trabalhadores-estudantes, já que não há alternativa em caso de reprovação. Têm de fazer para o ano.”

Relativamente aos estudantes com estatutos especiais, mais especificamente os estudantes de alta competição, a marcação pouco atempada dos exames é problemática.

Estes estudantes, como fazem um percurso muito exigente, precisam de organizar os seus compromissos com bastante antecedência, o que nem sempre é possível. No entanto, face a dois “mundos” muito exigentes, existe o perigo de um

deles ficar pelo caminho. No caso dos estudantes-atletas, esta é uma escolha ingrata que depende geralmente do nível de compromisso ou de perspetivas de futuro relativamente ao curso ou à carreira desportiva. Muitas vezes as competições sobrepõem-se às avaliações do curso. É por este motivo que estes estudantes têm uma época especial. Sobre esta época, é dado o exemplo de um docente da FFUC que disse que era a última data possível, sendo que o estudante sentiu má vontade por parte do docente. Esta situação resultou na repetição da unidade curricular no ano seguinte. É muito difícil aliar o desporto com os estudos, pelo que alguns acabam por desistir do curso. Um estudante refere que alguns docentes ficam incomodados por terem de fazer um exame na época especial por causa dos estatutos e já aconteceu prejudicarem o estudante. O exemplo vem de um estudante-atleta que já tinha feito a parte prática e no exame o docente avaliou de novo as duas componentes. Felizmente o estudante passou no exame porque ainda tinha presente a matéria da parte prática, no entanto não se tinha preparado para isso.

O atraso no lançamento das notas é especialmente prejudicial no caso de estudantes com estatuto. O exemplo é dado, mais uma vez, por um estudante-atleta, que foi a recurso com aviso prévio de 2 dias. Por causa de um atraso no lançamento de uma nota, um estudante-atleta quase perdeu a bolsa. Este aspeto é destacado pelos estudantes da FCTUC e da FDUC.

Finalmente, quanto ao não cumprimento dos regulamentos, passámos a palavra ao André Galvão, do Conselho Pedagógico da FCTUC:

“O regulamento pedagógico da UC (Artigo 8º Programas) é claro: “disponibilizar na WOC, até 60 dias após a aprovação da distribuição de serviço docente em Conselho Científico, o programa da(s) unidade(s) curricular(es)” [...], do qual constarão os conteúdos, objetivos de ensino e competências a desenvolver, número de aulas previstas, metodologia de avaliação e bibliografia fundamental. Esta informação torna-se definitiva na data de início do ano letivo.

No entanto, algumas UO são recorrentemente envolvidas no não cumprimento desse regulamento. Por exemplo, os docentes mudam o tipo e ponderação da avaliação a meio do semestre.”

A definição tardia da avaliação na FMUC também é referida. Para explicar, passámos a palavra ao Pedro Monteiro (Vice-Presidente da AAC e estudante da FMUC):

“Em alguns casos não existem fichas das unidades curriculares (onde deve constar a descrição, objetivos e normas de avaliação) ou não são simplesmente respeitadas, sendo alteradas a qualquer momento do ano letivo. Não raras vezes o tipo de avaliação é definido tardiamente.

Estas situações constituem um claro incumprimento das normas organizacionais da UC. Esses incumprimentos verificam-se mais entre os docentes mais antigos na UC.”

O estudante alerta igualmente para situações que se passam ao nível da avaliação:

“Em Medicina cada professor assistente tem um método diferente de transmitir o conhecimento, sendo que os alunos vão ter aprendizagens diferentes entre si.

Esta questão assume particular importância em contexto clínico, em que os estudantes precisam de praticar um conjunto de atos clínicos obrigatórios para serem bem preparados. É dado o exemplo da ortopedia: segundo os critérios de competências que os estudantes têm de desenvolver, está prevista uma ida ao bloco operatório para assistir a uma cirurgia ou ir a uma enfermaria recolher a história clínica de um utente. No entanto, esta exigência nem sempre é cumprida porque existem docentes que têm mais dificuldade no acesso ao bloco operatório ou contexto clínico, ou por falta de meios e/ou recursos. Acresce que a avaliação também varia igualmente entre os professores assistentes. Esta situação é danosa porque cria assimetrias na aprendizagem e competências.

Defendo que em Medicina é necessário uniformizar o método de ensino-aprendizagem e de avaliação. Esta uniformização aplica-se ao conjunto de competências (atos clínicos) que os estudantes de medicina têm de realizar para poderem ser adequadamente preparados.”

Na FCTUC também é reportado que alguns docentes mudam o tipo e a ponderação da avaliação a meio do semestre.

Quanto às **recomendações** avançadas pelos estudantes, ao nível da calendarização das avaliações, os estudantes de Gestão pretendem levar a questão da pausa letiva a referendo, na esperança de evitarem a concentração das avaliações.

Quanto ao tipo de avaliação, os estudantes de Economia defendem a utilização de mais trabalhos na avaliação, isto é, a opção de serem avaliados de forma contínua. Referem que em avaliação contínua aprendem mais e que a utilização de frequências e exames promove a memorização e não a aprendizagem.

Tal como já foi abordado pela Érica Moreira, os estudantes de Relações Internacionais (FEUC) recomendam um maior equilíbrio nos momentos de avaliação na avaliação contínua através de uma maior articulação entre os docentes do curso para evitar sobreposições e o excesso de momentos de avaliação.

Para o problema referido no curso de Arquitetura, os estudantes defendem a criação de uma época normal e recurso.

Os estudantes sugerem que os docentes das unidades curriculares anuais definam uma data (ex.: 3 semanas depois da data-limite do prazo de entrega normal), para criar uma data de recurso. É referido que isto é feito na Universidade de Lisboa: se o professor visse que os estudantes não estavam em condições de entregar o projeto na data final (considerado o exame), os docentes davam 3 semanas a mais para retificar e voltar a apresentar o projeto. Na unidade curricular de Construção também podiam adotar este modelo. Os estudantes sabem que esta recomendação não se aplica a estudantes que não vão às aulas, mas para erros

mais pequenos nos projetos, seria proveitoso os estudantes terem a oportunidade de retificar esses aspetos.

O exemplo da Universidade de Lisboa é de novo dado no caso de Desenho. Como a taxa de reprovação é alta a Desenho, em Lisboa, o exame de recurso consiste em levar um portfólio com 30 desenhos sobre a matéria dada ao longo do ano e mais um exame que é feito nesse dia em que os estudantes vão para uma sala com um modelo e durante três horas fazem os desenhos solicitados.

Para o caso das unidades curriculares de História e Geometria, os estudantes de Arquitetura propõem que os exercícios que fazem ao longo do ano, que contam para a parte prática, possam ser realizados através de exame final para os trabalhadores-estudantes.

Quanto aos estatutos dos Estudantes na UC, conforme já foi referido, é sugerido a sensibilização dos docentes para as exigências dos diversos estatutos.

Finalmente, no que concerne ao não cumprimento dos regulamentos, naturalmente a recomendação é fazê-los cumprir, recorrendo às diferentes instâncias que têm responsabilidade na matéria.

Ligação ao mercado

Relativamente à **ligação ao mercado**, os estudantes identificaram questões que se relacionam direta ou indiretamente com a empregabilidade e o nível de preparação para atuar na realidade profissional, como o voluntariado/estágios, contacto com mercado durante o curso, saídas profissionais e a cidade.

Quanto ao voluntariado/estágios, os estudantes apontam a falta de oportunidades de voluntariado para aquisição de experiência prática e a importância dessa experiência ser valorizada no suplemento ao diploma.

Os estudantes do 1º ciclo da FEUC e da FDUC vêem o voluntariado como uma forma de se destacarem posteriormente no mercado de trabalho. Os estudantes da FMUC indicam a escassez de ofertas de voluntariado e os de Ciências do Desporto, a sobrecarga letiva, que não permite dedicarem-se a outras atividades extracurriculares. Já os de Gestão revelam a dificuldade em encontrar um local

de estágio. Acresce que sabem tardiamente onde vão estagiar (a dois dias de começar), o que afeta o tempo para se prepararem adequadamente.

No que concerne ao contacto com mercado durante o curso, um estudante da FCDEUC sublinha que no final da licenciatura os alunos não estão preparados para o mercado de trabalho. Neste domínio reclamam o reforço da componente prática, das competências e o contacto com o mercado, descrevendo o curso como demasiado teórico, como já foi referido.

Na FEUC, os estudantes dão o exemplo de uma unidade curricular em que têm de escolher uma empresa para fazer uma estratégia empresarial. No entanto, para fazê-lo, os estudantes precisam de acesso a dados da concorrência, o que não é possível porque se trata de uma estratégia empresarial “fictícia”. Neste sentido, os estudantes não sentem ligação ao mercado de trabalho, nem que estão a ser verdadeiramente preparados para a realidade laboral.

Relativamente às saídas profissionais, alguns estudantes realçaram a fracas saídas profissionais de alguns cursos, como, por exemplo, antropologia.

Quanto à cidade de Coimbra, o mercado de trabalho está saturado em algumas áreas de conhecimento como sociologia e economia e existe fraca dinâmica empresarial na cidade. Quem está impedido de sair da cidade para prestar apoio a familiares vê as suas perspetivas de emprego limitadas. Existe uma grande escassez de empresas que absorvam os estudantes de economia (ex. a maioria das consultoras estão no Porto ou Lisboa). Em sociologia, esta situação não se aplica à carreira de investigação, já que o CES integra os estudantes que querem seguir essa carreira.

Quanto às **recomendações**, relativamente ao voluntariado, a resposta foi consequentemente criar mais oportunidades de contacto com mercado de trabalho. Um estudante de ciências do desporto destaca que, para além de desenvolver competências fundamentais para a inserção no mercado de trabalho, é algo muito motivante para os estudantes.

Para além de ser importante para o CV, dá a oportunidade de os estudantes definirem durante o curso o que realmente os motiva e o que querem fazer depois

da sua conclusão. Esta componente torna o futuro mais “palpável”, sendo caracterizado como algo energizante a nível académico, configurando-se como uma medida de combate ao abandono escolar.

Quanto às oportunidades de voluntariado, não raras vezes, os estudantes desconhecem as diferentes iniciativas promovidas pela AAC, a UC ou outras instituições da economia social local. Os estudantes recomendaram a realização de um dia aberto para dar a conhecer oportunidades de voluntariado na cidade de Coimbra e zonas limítrofes.

Para promover um maior contacto com o mercado de trabalho, os estudantes da FEUC sugerem que as coordenações do curso façam mais acordos com empresas para que os estudantes possam fazer trabalhos de campo como avaliação. A ligação a empresas reais seria importante para perceberem como funciona a teoria na prática e como funciona o mercado de trabalho. Os estudantes destacam uma boa prática de um docente:

Neste caso, uma unidade curricular opcional, em que o docente convida pessoas de empresas para dar palestras nas aulas. Os estudantes afirmam que esta é uma forma interessante de aprender os conteúdos e que a afluência a essas aulas tem sido elevada.

Relativamente às saídas profissionais os estudantes recomendam um maior investimento em pós-graduações e formações que se inserem na aprendizagem ao longo da vida em áreas emergentes.

Os estudantes consideram que esta aposta é importante numa sociedade em constante evolução. O facto de se começar numa área, não significa que fiquemos nela até ao final da vida. A incerteza da sociedade atual exige constante atualização e a aprendizagem de novos conhecimentos.

Finalmente, quanto à cidade, a atração de empresas competitivas para Coimbra. Esta proposta é algo que não depende unicamente da UC, mas de uma concertação local e nacional. Não obstante, a universidade tem um papel importante nesse desiderato.

Boas práticas

Foi igualmente pedido aos estudantes que identificassem boas práticas. As boas práticas são importantes porque nos ajudam a perceber aquilo que funciona e dão-nos informações importantes para a tomada de decisão.

Ao nível pedagógico, os estudantes elogiam a articulação existente entre o Conselho pedagógico da FEUC e o Gabinete de Apoio ao Estudante com NEE, referindo que funciona de forma célere no apoio aos estudantes. Como já foi referido, a dimensão da faculdade pode contribuir para esse bom funcionamento.

No que concerne à avaliação, a pausa letiva de 1 semana na FEUC é considerada por alguns estudantes como uma boa prática. Apesar de nem todos os estudantes a aproveitarem, é referido que essa semana é importante porque lhes permite colocar os trabalhos em dia.

Outra boa prática é o uso de frequências com consulta e/ou trabalhos na avaliação. Os estudantes referem que esta é a forma correta de avaliar porque os obriga a pesquisar, ler artigos e não apenas decorar.

Os estudantes de sociologia referem que os docentes têm a preocupação em articular diferentes métodos de avaliação nas unidades curriculares. Estes têm de fazer apresentações, trabalhos, frequências, observatórios e portfólios de imprensa, etc. na mesma unidade curricular. Este tipo de avaliação é mais reflexivo, permite uma aprendizagem mais duradoura e desenvolve competências de pesquisa, oratória, organização, entre outros. Em sociologia a avaliação é contínua, o que não acontece em economia, que se caracteriza por picos de avaliação.

Quanto ao mercado de trabalho, a ligação da sociologia com o CES também é elogiada. Esta ligação abre horizontes aos estudantes em termos de trabalho na investigação. Durante a licenciatura os estudantes fazem uma visita de estudo ao CES. Esta visita é caracterizada como importante e inspiradora, que se pode traduzir num futuro palpável. Acresce que os docentes incentivam os estudantes a ir a eventos e conferências para complementar a sua formação.

É igualmente sublinhado o papel que o CEBER (FEUC) desempenha na captação de estudantes de mestrado em economia e gestão. Antes do CEBER os estudantes iam para Lisboa ou para o Porto tirar mestrado porque as perspetivas de emprego

e de contacto com empresas competitivas da área são melhores. É dado o exemplo de um estudante de mestrado em economia (ISCTE) que no 1º ano já tinha várias ofertas de emprego de várias empresas.

A iniciativa “Verão com Ciência” também foi destacada pela possibilidade que dá aos estudantes de contactar com o mercado de trabalho. Foi realizada no âmbito do programa “Skills 4 pós-Covid” e atribuía uma bolsa para fazer investigação durante os meses de verão. Infelizmente não estava acessível a todos os estudantes e não teve continuidade.

Quanto às soft skills, os estudantes salientam o papel dos núcleos da AAC. Pese embora esta oportunidade seja mais facilitada aos estudantes de mestrado ou doutoramento, já que os estudantes do 1º ciclo têm uma maior carga letiva. Os núcleos dão a oportunidade de desenvolver soft skills muito importantes que vão muito além do plano curricular do curso.

Outro exemplo dado é a oportunidade de ser embaixador da Académica Start UC. Mais uma vez, apesar de não ser acessível a todos os estudantes (1 embaixador por núcleo e 5 embaixadores para o doutoramento por ano), é uma experiência muito rica e importante para o desenvolvimento pessoal. Os embaixadores recebem formação sobre soft skills e organizam eventos para que os outros estudantes também as possam desenvolver.

O Programa NEXT também é destacado como uma excelente iniciativa, tanto para explicadores como para os explicandos.

O horário na FEUC que dá a todos os estudantes as tardes de quarta-feira é também assinalado como algo positivo. O facto de os estudantes saberem de antemão que têm sempre as tardes de quarta-feira livres permite que se comprometam com atividades extracurriculares como o voluntariado.

Finalmente, a Secção de debates da UC (SDUC) na FEUC é também uma iniciativa elogiada, já que ajuda os estudantes a desenvolver competências de argumentação e oratória.

Sucesso: fatores determinantes

Foi pedido aos estudantes que refletissem sobre o que é para eles o sucesso e que fatores podem contribuir ou inibir o mesmo.

A definição de sucesso é muito subjetiva e pessoal. Se para uns o sucesso é conseguir diferenciar-se dos restantes colegas pelas boas notas e o desenvolvimento de outras atividades (e.g., associativismo, etc.) que consigam incluir no suplemento ao diploma para conseguir um bom emprego; para outros, face às dificuldades que enfrentam a vários níveis (psicológico, económicos, ...), concluir o curso é o que mais almejam. Alguns estudantes passam muitas dificuldades, logo, a conclusão do curso é uma grande vitória. Concluir um curso superior, por si, já não é fácil para muitas pessoas. É dado o exemplo dos EI que recorrem ao subtrabalho para conseguir fazer face às despesas e pagar o alojamento. Outro exemplo vem de um estudante com NEE. Os enormes desafios que tem de ultrapassar todos os dias leva a que veja o sucesso como a conclusão do curso. Neste caso, obter um diploma universitário é uma prova de superação pessoal que poucas pessoas na mesma situação seriam capazes de realizar.

Para um EI do 3º ciclo o sucesso é regressar ao país de origem e contribuir com os seus conhecimentos aqui adquiridos para ajudar desenvolver a sua região de origem no Brasil. Noutros ciclos, a maioria quer ficar na Europa.

Para um estudante-atleta o sucesso é conseguir manter o rendimento escolar e desportivo em simultâneo. Ambos são importantes e muitos desistem do curso para conseguirem dedicar-se à carreira desportiva.

Um trabalhador-estudante encara o sucesso como uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal. Terminar o curso concretiza esse objetivo, já que já está integrado no mercado de trabalho.

De facto, há estudantes que focam bastante a importância ter experiências que os façam crescer e amadurecer para poder enfrentar o mundo.

Para quem quer prosseguir os estudos, o sucesso é ter boas notas para entrar no mestrado. A participação em atividades para complementar o currículo também é valorizada para conseguir atingir este desiderato. Para alguns, ser docente universitário está no horizonte, no entanto a incerteza que os estudantes sentem relativamente ao futuro, não os deixa “fechar” caminhos. Remata que o mais

importante é ter um emprego com estabilidade e ser feliz. Também valoriza o envolvimento em vários projetos públicos e privados em simultâneo. No seu caso a docência universitária seria o emprego ideal, já que lhe permitia fazer muitas coisas em simultâneo – investigação, dar aulas, estar em vários projetos. Seria desafiado, mas ter estabilidade.

Outros almejam uma carreira na investigação numa área do seu interesse. É o caso de um estudante com NEE.

Para quem já está no 3º ciclo, conseguir conciliar o doutoramento com o trabalho remunerado é uma vitória.

Para outros o sucesso seria mudar de curso para medicina ou medicina dentária.

Outros, como um estudante de ciências do desporto, coloca o sucesso em termos vagos como aprender, crescer pessoalmente, terminar curso. Talvez a realidade não permita grandes sonhos. Argumenta que não tem planos a longo prazo porque o curso não tem alta empregabilidade. No entanto, ao ser desafiado a “sonhar”, confessa que gostaria de terminar curso e criar um projeto próprio dentro da área. Talvez em Coimbra.

Um estudante de da FDUC gostaria de conseguir ter experiências e aprendizagens para além do conhecimento formal do plano curricular. (ex. rádio, associativismo, ...). No entanto, a carga letiva é muito elevada para conseguir dedicar tempo para outras componentes importantes que fazem parte da vida académica.

Curiosamente, todos gostariam de ficarem em Coimbra e continuar ligados a projetos importantes e amizades feitas. Têm receio de perder as pessoas e colegas quando acabarem curso, que consideram família.

Quanto aos fatores determinantes para alcançar os projetos “sonhados”, os estudantes identificam vários aspetos. Para os estudantes com NEE, o apoio dos professores é considerado muito importante, já que os ajuda a manter o foco.

Gostar do curso e ter condições económicas para poder não trabalhar durante o mesmo também foi assinalado.

No caso dos doutorandos, a disponibilidade financeira foi igualmente destacada. É referido que é necessário ter poupanças para avançar com o dinheiro porque até com bolsa há atrasos e por isso é necessário ter algum dinheiro de parte para

o início. Uma boa rede social de suporte e amizades que motivem e compreendam as ausências durante o doutoramento também é mencionada. Fazer um doutoramento é algo bastante imersivo e ter um grupo de amizades que também estejam a tirar doutoramento (não necessariamente do mesmo programa) é essencial. Ter uma rede de apoio que compreenda os desafios e com a qual possam desabafar. Um estudante destaca o papel que o Núcleo de Estudantes de Doutorado da UC (NEDUC) tem ao possibilitar criar essa rede de amizades. O suporte familiar é igualmente salientado no caso dos doutorandos. Para além do apoio emocional, quando podem viver com os pais, são fonte de estabilidade.

Quanto a **recomendações** para aumentar as hipóteses de sucesso dos estudantes, os estudantes avançaram com algumas sugestões.

A UC podia atribuir prémios aos atletas que ganham competições em representação da UC em forma de isenção do pagamento das propinas nesse ano letivo (algo que já é feito na universidade do Porto e Aveiro). Seria um bom incentivo para não abandonarem os estudos e manterem a motivação. Este prémio seria mais útil que os 100€ que a UC atualmente dá.

Há quem defenda que deveria haver um maior incentivo para os estudantes a praticarem desporto, por exemplo, junto dos EI. A UC devia ter uma relação mais estreita com os clubes das proximidades e passar essa informação aos estudantes, especialmente do sexo feminino.

A este propósito é destacado que a cidade não é propícia ao desporto coletivo. São nomeados fatores como o preço para alugar espaços, recintos com más condições para a prática de desporto coletivo. Faltam mais espaços gratuitos e com qualidade pela cidade. O desporto é muito importante para a saúde mental e os estudantes consideram que a saúde mental deve ser encarada com muita seriedade.

Quanto aos estudantes com NEE, os estudantes recomendam a criação de normas de atendimento a estudantes com NEE. Um dos estudantes refere ter passado por situações que podiam ter desencadeado uma crise se estivesse no 1º ano. Ainda nesta senda, é incompreensível como os funcionários do DAI - Divisão de Acolhimento e Integração podem estar em teletrabalho. Os funcionários que

apoiam estudantes com NEE deviam apoiar presencialmente os estudantes, especialmente no 1º ano.

Finalmente, a disponibilização das gravações das aulas (colocar uma câmara com um tripé) aos trabalhadores-estudantes poderia ter um impacto muito importante no combate ao abandono escolar entre estes estudantes (nossa recomendação).

Conclusão do curso: expectativas e receios

Como já foi referido, os estudantes têm uma forte ligação emocional à cidade, pelo que preferiam ficar em Coimbra. No entanto, não há uma dinâmica de empresas na cidade que consiga absorver os estudantes. Há muitos serviços, mas também muito saturados.

De uma forma geral, em termos de empregabilidade, os estudantes não vêem futuro em Coimbra.

Reflexões

Como verificamos, os temas abordados foram muito variados porque, se nos grupos focais foi dada liberdade aos estudantes para falarem dos seus percursos pessoais, na roda de conversa o guião era mais direccionado para questões pedagógicas e os participantes focaram aspetos de índole coletiva, assumindo o seu papel de representantes dos estudantes.

A primeira reflexão que os testemunhos nos suscita tem que ver com as especificidades de cada faculdade e/ou curso ou área de conhecimento.

O debate alargado é importante, no entanto parece-nos importante ter em conta as particularidades de cada área de conhecimento. Conforme já foi referido, os estudantes de medicina defendem a uniformização dos métodos de avaliação (para que os alunos não tenham aprendizagens diferentes entre si em termos de competências - atos clínicos), por outro, as infraestruturas têm limitações e alguns docentes têm mais dificuldade que outros no acesso ao bloco operatório ou contexto clínico. Esta especificidade, conforme pudemos ver atrás, não abala

o desejo dos estudantes de que se introduza inovação pedagógica. Em todas as áreas é reclamada esta renovação.

Cada área e faculdade se constitui como um microcosmo e, nesse sentido, não existem soluções universais. Para responder aos desafios pedagógicos é necessário ouvir estudantes e docentes - os agentes que estabelecem a relação pedagógica. Não obstante, não podemos esquecer que a instituição influencia essa relação, já que fornece o ambiente, as condições e confere legitimidade para que essa relação se possa estabelecer. Nesse sentido, é um agente que deve ser igualmente tomado em consideração. As instituições são feitas de pessoas e, nesse sentido, as diferentes chefias, até ao órgão máximo da universidade têm de definir o caminho e o ritmo da mudança.

Entre os aspetos a destacar, verificamos que o primeiro ano na universidade é uma fase muito sensível que pode determinar o sucesso académico. Neste sentido, a UC deve investir fortemente no acolhimento dos estudantes, especialmente junto de estudantes deslocados (nacionais ou estrangeiros), que concorrem a bolsas de estudo, com NEE ou que sejam os primeiros da família a aceder ao ensino superior. Uma medida importante é ter assistentes sociais e não assistentes técnicos a receber os estudantes no dia das matrículas. Nesse momento poderia ser feita imediatamente uma triagem e identificar atempadamente os estudantes passíveis de maior apoio. Outra hipótese seria criar um pequeno inquérito de avaliação que poderia ser dado a todos os estudantes que se dirigissem aos SASUC no StudentHub. Esse questionário poderia ser realizado num formato de “avaliação de risco”, que, conforme o resultado, poderia ser encaminhado para os assistentes sociais dos SASUC. Finalmente, deve existir uma boa comunicação e articulação entre os docentes e o coordenador de curso para identificar situações que possam levar ao abandono escolar.

Outro aspeto a salientar é o sentimento que os estudantes têm relativamente à desconexão entre o curso e o mercado de trabalho. Muitos sentem que não têm as competências necessárias para entrar no mercado de trabalho e não se sentem preparados. Esta questão surge associada à valorização que os estudantes conferem à prática. Boa parte deles, especialmente em áreas como as engenharias, consideram que as aulas práticas fornecem os conhecimentos

teóricos necessários e que é uma forma de aprender mais interessante. Esta é uma questão antiga que se se agudizou com o processo de Bolonha e a ênfase das competências a desenvolver nos estudantes. Há quem veja este discurso como uma desvalorização da construção do conhecimento, conferindo uma visão utilitarista à teoria.

No entanto, o que talvez esteja em causa seja a procura de um estilo de ensino que seja mais dinâmico e ancorado ao desenvolvimento de competências. Um desafio nem sempre fácil de concretizar tendo em consideração as diferentes áreas de conhecimento.

Esta mudança de paradigma é algo que exige muita reflexão e trabalho do docente e, por esse motivo, estes precisam de forte apoio institucional. O docente assume uma multiplicidade de papéis complexos. Ele não se limita a explicar a teoria, ele constrói teoria, divulga esse conhecimento pelo mundo, procura financiamento, orienta estudantes, assume cargos de gestão científica e pedagógica, entre outros. Onde fica o tempo para refletir sobre a docência?

É exigido às universidades que formem profissionais que saibam tomar decisões baseadas em evidências científicas. Que saibam pensar e termos conceptuais e axiológicos, distinguindo-se do executor (Filho, 1988). A mudança é a única constante na sociedade, por esse motivo a aprendizagem não se esgota no final do curso. A prioridade da universidade deve ser preparar profissionais autónomos que consigam pensar de forma estratégica e resolver problemas, para que estes sejam agentes de inovação na sociedade. Nesse sentido, pensamos que as competências encerram em si uma complexidade que não separa teoria da prática.

Como Floriano Filho (1988, 15) destaca, “não se deve confundir o como aprender com o que aprender”. O distanciamento sentido pelos estudantes entre teoria e prática pode dever-se à forma como as aulas e os planos curriculares estão organizados.

Quanto ao facto de os estudantes recorrerem a vídeos do Youtube, os criadores de conteúdo têm muita atenção à forma como a informação é transmitida para que esta seja atrativa para o consumidor. Os estudantes têm a consciência que os vídeos do Youtube visam atingir o maior número de visualizações, logo, é pensado

para captar o interesse de quem vê e fidelizar o maior número de pessoas. As universidades não deveriam ter também a preocupação em “fidelizar”, isto é, combater o absentismo, o abandono ou a alienação?

Esta realidade pode levantar algumas questões, uma delas é, por exemplo, qual o lugar da relação pedagógica? Tal como refere Reich et al. (2020: 16), sem relação não há aprendizagem, logo este é um aspeto igualmente importante a refletir. No nosso entender, a relação pedagógica não depende do facto de uma das partes deter o conhecimento, nem é ameaçada pela tecnologia. O professor não precisa de concorrer com a tecnologia. Ao invés, deve usá-la para facilitar o seu papel, tornando-a sua aliada na transmissão do conhecimento. Desta forma, o docente pode dedicar mais tempo à relação e à aprendizagem propriamente dita, que nasce da ligação recíproca criada com os estudantes. Dentro desta relação entra a forma como os docentes avaliam os estudantes. Cada vez mais estudantes reclamam uma avaliação que se baseie na análise de competências e não apenas de conhecimentos num formato que convida à memorização e a comportamentos fraudulentos, potenciando uma cultura de desconfiança relativamente aos estudantes.

Para terminar, o que fica claro é que os estudantes já não querem assumir um papel passivo no processo de aprendizagem e isso não deve ser fonte de preocupação, mas de estímulo para tornar as salas de aula locais de co-construção de conhecimento, de confiança mútua e de uma formação humanista para a cidadania e liberdade.

Referências

Filho, F. F. (1988). Nada mais prático que uma boa teoria. *R, Serviço Público, Brasília*, 116(1), jan./fev. 1988, 14-15.

Reich, J., Buttner, C., Coleman, D., Colwell, R., Faruqi, F., & Larke, L. (2020). *What's Lost, What's Left, What's Next: Lessons Learned from the Lived Experiences of Teachers during the 2020 Novel Coronavirus Pandemic*. DOI: <https://doi.org/10.35542/osf.io/8exp9>

Coimbra,14/03/2023

Paulo Peixoto

Joana Almeida



CONSELHO GERAL
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Anexo 4

Relatório do 3.º evento

MAIS CONHECIMENTO,
MEHOR UNIVERSIDADE

MAIO 2024



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

COMISSÃO E ENSINO, INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CONSELHO
GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1. Nota introdutória

No âmbito das suas atividades, a Comissão de Ensino, Investigação e Desenvolvimento (CEID) do Conselho Geral da Universidade de Coimbra realizou, nos dias 5 e 6 de fevereiro de 2024, o seu terceiro e último evento. Este procurou dar resposta ao plano delineado pela CEID que previa a realização de três eventos, tendo o primeiro sido dedicado à Investigação (*Investigação no Ensino Superior: Como e Para quê?*) e realizado em fevereiro de 2022, enquanto o segundo ocorreu em fevereiro de 2023 e centrou-se no Ensino (**Melhor Ensino, Mais Universidade**). Pretendeu-se com este terceiro evento pensar e refletir sobre os três eixos da CEID – o ensino, a investigação e o desenvolvimento, cabendo aqui a relação com o exterior. Em simultâneo, esta iniciativa procurou associar-se à comemoração dos 75 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O presente Relatório visa dar conta deste terceiro evento, que teve lugar no Colégio da Trindade e que contou com a presença de 227 participantes entre docentes, alunos e pessoal do corpo técnico. A página do evento encontra-se disponível em: <https://www.uc.pt/maisconhecimento/>.

2. Objetivos do evento Mais Conhecimento. Melhor Universidade

Constituindo a investigação, o ensino e a ligação à comunidade os três pilares da missão universitária, é importante refletir sobre a importância de cada um desses pilares, bem como sobre as relações que nutrem entre si. Tendo esta reflexão sido desenvolvida no seio da CEID ao longo do seu mandato, são objetivos principais do presente evento aprofundá-la, através do diálogo com especialistas e outros intervenientes, e em simultâneo estendê-la a toda a comunidade académica.

Foi neste sentido que se concebeu um Programa que incluiu três grandes sessões: a primeira dedicada à Missão da Universidade, em que se procurou discutir o seu sentido na atualidade, remetendo necessariamente para as relações entre a investigação, o ensino e a ligação à comunidade. Esta sessão contou com a participação de especialistas em estudos do ensino superior e com o testemunho de uma professora de uma grande Universidade internacional. Sendo a missão universitária indissociável dos direitos humanos, houve, ainda a participação de um especialista nesta área; a segunda sessão, centrada nas finalidades da Universidade, particularmente nas ligadas à valorização do conhecimento e do desenvolvimento humano, procurou ouvir a voz de antigos estudantes que discutiram o modo

como a sua experiência universitária marcou a sua atual vida profissional. A Provedora do Estudante juntou-se a esta sessão, procurando dar uma visão do que são os principais problemas dos estudantes na prossecução das finalidades universitárias; por último, na terceira sessão foi ouvida a voz dos docentes, com intervenções focadas no tema, *O que é ser professor universitário*. Nesta sessão, foi tratado o modo como as finalidades e os três pilares da missão universitária têm sido estudados, do ponto de vista das funções do professor, e, igualmente, como os mesmos são vivenciados na experiência docente.

O evento contou, ainda, com a presença da Professora Teresa Pedroso de Lima, em representação da Senhora Presidente do Conselho Geral, Dra. Gabriela Figueiredo Dias, da Senhora Vice-Reitora para o Ensino e Atratividade, Professora Cristina Albuquerque e com o Senhor Diretor da Faculdade de Direito, Professor Jónatas Machado, na Sessão de Abertura, com o do Sr. Vice-Reitor para a Investigação, Professor João Ramalho Santos, na abertura da 3.ª Sessão, e do Magnífico Reitor, Professor Amílcar Falcão, na Sessão de Encerramento.

3. Programa do evento Mais Conhecimento. Melhor Universidade

Dia 5

Abertura (9h-9h30)

Jónatas Machado (Diretor da FDUC)

Gabriela Figueiredo Dias (Presidente do CG)

Cristina Albuquerque (Vice-Reitora para o Ensino e Atratividade)

1.ª sessão (9h30-12h30): Missão da Universidade

Palestras (9h30-11h):

A Missão Evolutiva da Universidade: Uma Visão para o Progresso, Irene Fonseca (Carnegie Mellon University, CG)

A Educação no Ensino Superior. Encruzilhadas do ensino superior na era do digital, António Magalhães (Universidade do Porto)

Coffee-Break (11h-11h20)

Debate (11h20-12h30): Moderação com intervenção de José Manuel Pureza (FEUC)

Almoço (12h30-14h)

2.ª sessão (14h-17h30): Universidade como espaço de valorização do conhecimento e desenvolvimento humano

Palestras (14h-16h):

Letras são tretas? Será mesmo assim?, Maria Isolina Mesquita (Bluepharma)

Aprender a Ler o Mundo – Novas e Velhas Literacias, Nuno Camarneiro (Ex aluno UC; escritor)

A Importância dos Doutoramentos na Indústria Farmacêutica, Pedro João Afonso (Ex aluno UC)

Acesso, sucesso e transição da universidade para o mundo do trabalho: algumas vicissitudes nas trajetórias estudantis, Cristina Vieira (Provedora do Estudante da UC)

Coffee-Break (16h-16h20)

Debate (16h20-17h30): Moderação com intervenção de Alberto Órfão (CEID, CG)

DIA 6

Abertura (9h15-9h30)

João Ramalho-Santos (Vice-Reitor da UC para a Investigação)

3.ª sessão (9h30-11h): O que é ser professor universitário?

Palestras:

O que é ser professor universitário?, Paulo Peixoto (FEUC)

O professor universitário e “o prazer de não cumprir um dever”, Susana Aires Sousa (FDUC)

A profissão académica no século XXI: reconfigurações, tensões e desafios, Ana Maria Seixas (FPCEUC)

Coffee-Break (11h-11h20)

Debate (11h20-12h30): Moderação com intervenção de João Queiró (FCTUC, CG)

Encerramento (12h30-12h45)

Amílcar Falcão (Reitor da UC)

4. Breve descrição comentada

Na 1.^a sessão dedicada à Missão da Universidade, Irene Fonseca, baseando-se na experiência da Carnegie Mellon University (CMU), explorou o modo como a inovação tecnológica tem transformado rapidamente o Ensino Superior e contribuído para a redefinição da missão da Universidade. Abordando as raízes históricas da Academia como criadora de conhecimento e a sua transição para um novo paradigma onde surge como impulsionadora da economia e da inovação, salientou o aumento de custos registado entre 2001 e 2021 bem como a previsão de um decréscimo de estudantes nos próximos anos. Focou ainda a existência de dados que revelam as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de hoje, as mudanças nas habilitações exigidas pela indústria e as oportunidades apresentadas pelas tecnologias emergentes. Nesse sentido, e tendo em conta que 65% dos estudantes que atualmente frequentam a Universidade irão ter empregos que ainda não existem, alertou para a necessidade de inovar o que e como ensinamos com o objetivo de fomentar o pensamento analítico, criativo e flexível e assim melhorar a experiência estudantil na universidade.

Através da perspectiva estratégica da CMU em relação aos métodos de ensino, infraestruturas de investigação, parcerias corporativas e acesso equitativo, Irene Fonseca argumentou a favor de abordagens inclusivas que promovam a participação e a colaboração interdisciplinar, nomeadamente entre as áreas das ciências/tecnologias e as artísticas, como imperativos para a afirmação da liderança da Universidade na era digital.

António Magalhães, Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, deu continuidade à 1.^a sessão, centrando-se no tema *Encruzilhadas do ensino superior na era do digital*. Partindo da questão relativa à especificidade educativa do Ensino Superior – *o que é superior no Ensino Superior?* –, António Magalhães analisou as mudanças na missão universitária decorrentes da sua subordinação ao desenvolvimento económico e ao mercado de trabalho, por um lado, e da crescente digitalização e tecnologização do ensino e da aprendizagem, por outro. Estas mudanças têm conduzido a uma subalternização da dimensão educativa da Universidade, dimensão que, segundo o autor, é necessário repor na ordem do dia. Defendendo a necessidade de a Universidade assumir como sua missão o desenvolvimento do pensamento emancipador e a formação de cidadãos com capacidade crítica e interventiva, António Magalhães realçou a urgência de uma

reflexão que coloque no centro do debate a educação como um fim em si mesmo, e não como um instrumento subordinado à economia. Nesta linha de pensamento, também as tecnologias devem ser pensadas como recursos ao serviço da missão educativa do Ensino Superior, contrariando a tendência para as perspetivar como uma finalidade e as colocar no centro das discussões pedagógicas.

Seguiu-se um Debate com os oradores anteriores e com Moderação de José Manuel Pureza, Professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, que fez, também, uma intervenção sobre os Direitos Humanos e a sua relação com a missão da Universidade. A segunda sessão, centrada no tema Universidade como espaço de valorização do conhecimento e desenvolvimento humano, contou com a participação de antigos estudantes e também com a da Provedora do Estudante, Professora Cristina Vieira.

Maria Isolina Mesquita, na sua intervenção, *Letras são tretas? Será mesmo assim?*, procurou ilustrar, a partir da sua própria experiência – alguém com uma formação no domínio das Humanidades (das *Letras*) que fez todo o percurso profissional na área farmacêutica –, aquilo que entende como sendo a principal função da Universidade: formar pessoas integrais. Esta ideia presidiu a toda a sua apresentação que incluiu um relato da história, da missão, das atividades e, sobretudo, da forma como se gerem os recursos humanos na empresa de que é uma das Vice-Presidentes, a Bluepharma. Em relação a este último aspeto, sublinhou a valorização da formação do pessoal, empregando a Bluepharma uma elevada percentagem de licenciados, mestres e doutorados em diversas áreas profissionais.

Baseando-se na sua experiência e na reflexão que a tem acompanhado, Maria Isolina Mesquita concluiu reforçando a necessidade de a Universidade não se centrar apenas na formação de trabalhadores, devendo chamar para si a responsabilidade de cuidar do desenvolvimento das pessoas no seu todo, realçando que um dos principais instrumentos para alcançar esta finalidade será retomar o seu papel de promotora de uma cultura geral.

A intervenção *Aprender a Ler o Mundo – Novas e Velhas Literacias* do escritor Nuno Carmanheiro refletiu a riqueza e diversidade da sua formação e atual profissão. Licenciado em Engenharia Física pela Universidade de Coimbra e doutorado em Ciência Aplicada ao Património Cultural pela Universidade de Florença, Itália, é atualmente docente da Escola das

Artes da Universidade Católica do Porto, investigador do CITAR¹ e autor de diversos livros e peças de teatro.

Enfatizando o efeito da vertiginosa evolução tecnológica e da reestruturação do mundo do trabalho (cada vez mais fluido e mutável) na alteração das competências essenciais para o futuro da sociedade, da economia e da ciência e consequente pressão nas instituições de ensino superior, Nuno Camarneiro ensaiou várias respostas para as seguintes questões: Que caminho temos pela frente? Quais são as competências do futuro e de que forma se articulam com as do passado? De que linguagens precisamos para ler o mundo atual e futuro?

Pedro João Afonso, doutorado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Coimbra, tratou do tema *A Importância dos Doutoramentos na Indústria Farmacêutica*, tendo por principal objetivo discutir, do ponto de vista geral e pessoal, a relevância e as mais valias do doutoramento na inclusão e na progressão dos profissionais na indústria farmacêutica. Após apresentar alguns dados relativos à situação dos doutorados em Portugal, Pedro João Afonso centrou a sua reflexão na resposta às questões: para que serve o doutoramento no exercício da profissão e no desenvolvimento da carreira. Relativamente ao exercício da profissão, realçou que a realização de um doutoramento foi decisiva para a aquisição de conhecimento científico e para o desenvolvimento de competências de comunicação, resiliência e autonomia. Do mesmo modo, considerou que o doutoramento tem sido uma mais-valia na progressão da carreira, na medida em que o preparou para a liderança, para a colaboração com os outros, para a análise de dados e para o pensamento crítico. Pedro João Afonso concluiu realçando a importância dos cursos de doutoramento, destacando que os mesmos possibilitam o aprofundamento do conhecimento científico e em simultâneo o desenvolvimento de competências transversais fundamentais ao exercício da profissão e à progressão na carreira.

A Provedora do Estudante, Professora Cristina Vieira, abordou o *Acesso, sucesso e transição da universidade para o mundo do trabalho: algumas vicissitudes nas trajetórias estudantis*. Partindo da sua experiência de três décadas como docente e, sobretudo, da de nove meses como Provedora do/a Estudante da Universidade de Coimbra, fez uma reflexão

¹ Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes

sobre os fatores que parecem persistir como desafios a trajetórias bem-sucedidas dos/as estudantes, quer no seu percurso de formação universitária, quer na passagem para o exercício profissional. Retomando os dados do relatório da OCDE de 2018 que mostram que a educação não está a cumprir a sua função de mobilidade social, reproduzindo as desigualdades de partida, afirmando que o elevador social avariou, enumerou aquelas que são as suas maiores preocupações. Entre elas, referiu a pobreza das famílias, factor que afeta grandemente os percursos estudantis na Universidade, ao impedir uma trajetória “normal” na vida académica. O excesso do uso dos recursos *online*, a chamada Universidade zoom, constitui uma outra preocupação, ao representar um movimento contrário ao que se deseja da Universidade como espaço de partilha e de cidadania. Referiu, ainda, os perigos da competitividade e da valorização da meritocracia, como fatores impeditivos do desenvolvimento da Universidade como lugar de democracia.

O último dia contou com a presença do Sr. Vice-Reitor para a Investigação, Professor João Ramalho Santos, que fez a Abertura dos trabalhos, dando início à 3.ª sessão vocacionada para a reflexão acerca do que é ser Professor Universitário. Nesta sessão, com moderação do Professor João Filipe Queiró, participaram duas docentes da Universidade de Coimbra, as Professoras Susana Aires de Sousa e Ana Maria Seixas, e o Sr. Pró-Reitor para a Inovação Pedagógica, Professor Paulo Peixoto.

João Queiró fez uma intervenção inicial com o objetivo de lançar alguns temas para o debate. Assim, invocando o mote *É preciso viver como se pensa, se não acabamos a pensar como vivemos*, começou por afirmar que o ensino e a investigação são deveres dos professores universitários e que o coração da sua profissão consiste na relação intelectual com os estudantes. Partindo do que chamou o mistério da inteligência humana questionou: porque é que os seres humanos são tão mais inteligentes do que parece necessário? E afirmando que a dita inteligência excedentária/desnecessária nasce da interação humana, contrariou aqueles que, confundindo a emergência com o futuro, alegam que a sala de aula está obsoleta e alertou para os maus substitutos vigentes.

A primeira intervenção coube a Paulo Peixoto que se debruçou sobre a questão *O que é ser professor universitário?* Começando por confessar o desconforto causado pela pergunta, devido à sua complexidade, fez uma analogia muito expressiva entre a profissão de artista e a de professor universitário. Referiu que, nos dois casos, a liberdade para gerir e organizar o

trabalho implica intensificação e individualização da atividade, associada a uma exigência exacerbada provocada pela necessidade constante de reconhecimento e comparação com os pares.

Com o título *O professor universitário e “o prazer de não cumprir um dever”*, Susana Aires de Sousa, Professora na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, começou por referir que uma das vantagens da sua profissão se prende com o facto de se estar quotidianamente a enfrentar questões a que não sabe responder e, nesse âmbito, propôs-nos uma reflexão sobre o professor universitário a partir da ideia fundamental de liberdade. Afirmando que não há conhecimento sem liberdade e que, consequentemente a universidade deve ser um espaço de liberdade criativa e amadurecimento pelo conhecimento, salientou a necessidade de associar à exigente liberdade académica a imprescindível liberdade de tempo. Porque, nas suas palavras, se, por um lado, a liberdade exige tempo, um tempo sem pressa, por outro, não podemos esquecer que o professor universitário, enquanto trabalhador do conhecimento, se confronta constantemente com o desafio de assegurar a atividade dedicada à investigação e ao ensino, no espartilho de deveres que necessariamente a conformam e limitam.

Ana Seixas, Professora na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, e autora de estudos sobre o Ensino Superior, refletiu sobre o tema *A profissão académica no século XXI: reconfigurações, tensões e desafios*. Dividiu a sua intervenção em três secções: evolução do ensino superior; caracterização do professor; e centralidade do ensino na universidade. No essencial, abordou o impacto das *profundas transformações que têm ocorrido na profissão académica, nas últimas décadas no campo do ensino superior em Portugal*. Destacou o modo como a *massificação e as novas formas de governação e financiamento têm vindo a reconfigurar as funções docentes*. Chamou também a *atenção para a forma como a ênfase na produtividade e na competição pode pôr em causa valores académicos como o que atribui ao ensino uma centralidade na missão universitária*, concluindo que é necessário preservar estes valores, pelo reforço da função educativa do ensino superior.

4. Conclusões

Vivemos num tempo de transformação do Ensino Superior. A rápida evolução tecnológica e a fluidez do mercado de trabalho criam um desafio para as instituições de ensino, que precisam adaptar metodologias e currículos. Originalmente focada na criação de conhecimento, a academia assume agora também um papel de motor da economia e da inovação. Ao mesmo tempo, urge repensar o papel do professor universitário, cuja função anteriormente se centrava apenas na transmissão de conhecimento e que hoje é confrontado com novas dinâmicas, tanto no ensino como na investigação.

A intervenções as discussões tidas durante o evento permitem concluir da importância de manter um evento anual com estas características na Universidade de Coimbra. Para além disso, o evento veio aprofundar a reflexão desenvolvida pela CEID ao longo do seu mandato, que se consubstanciou no conjunto de recomendações que fez para o Plano Estratégico da Universidade de Coimbra.



UNIVERSIDADE D
COIMBRA